



*Sociedade Brasileira
de Paleontologia*

*50 anos
Uma homenagem
aos seus fundadores*

ISSN 1516-1811

PALEONTOLOGIA EM DESTAQUE

BOLETIM INFORMATIVO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA

Ano 24 - Edição Especial



*Sociedade Brasileira
de Paleontologia*

50 anos

*Uma homenagem
aos seus fundadores*

Porto Alegre - 2009

PALEONTOLOGIA EM DESTAQUE - Edição Especial

SBP - 50 ANOS

UMA HOMENAGEM AOS SEUS FUNDADORES

Editores para esta edição especial: Carla Bender Kotzian e Ana Maria Ribeiro

Colaboradores: Alcemar Rodrigues Martello e Carolina Saldanha Scherer

Tiragem: 1.000 exemplares. Distribuídos em 13 de setembro de 2009.

Impressão: Gráfica Pallotti

Endereço: UFRGS, Instituto de Geociências, Cx.P.15001, 91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil.

Telefone: (51) 3308.6384

E-mail: joão.coimbra@ufrgs.br

Homepage: [http://: www.sbpbrasil.org](http://www.sbpbrasil.org)

Paleontologia em Destaque: boletim informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia – Vol. 1, nº1 (1984) –

ISSN: 1516-1811

1.Geociências. 2. Paleontologia. 3.Sociedade Brasileira de Paleontologia

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA (GESTÃO 2007-2009)

Presidente: João Carlos Coimbra (UFRGS)

Vice-Presidente: Ana Maria Ribeiro (FZBRS)

1ª Secretária: Marina Bento Soares (UFRGS)

2ª Secretária: Soraia Girardi Bauermann (ULBRA)

1ª Tesoureira: Patrícia Hadler Rodrigues (UFRPE)

2ª Tesoureira: Karin Elise Bohns Meyer (UFMG)

Diretora de Publicações: Carla Bender Kotzian (UFMS)

“Guardo a imagem daquele Brasil ingênuo, sem violência, do forró de sábado, do sorvete de mangaba. Dos afloramentos extensos cheios de concreções com peixes no Araripe; gastrópodes, equinóides e lamelibrânquios atapetando os carbonatos nos arredores de Mossoró, Rio Grande do Norte, e ainda imensos e diversificados amonóides das localidades nos arredores da histórica cidade de Laranjeiras, em Sergipe. Todos abundantes, soltos e fáceis de coletar. Sonhos de paleontólogo que vivi.”

Maria Eugênia Marchesini Santos

SUMÁRIO

Prefácio.....	6
Apresentação.....	8
Ata da fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia	12
Onde se “fazia” paleontologia no Brasil.....	30
A formação em paleontologia: cursos e livros.....	38
Estudantes de História Natural	48
O início da vida profissional	50
O início da SBP e os paleontólogos do período	54
O contexto histórico-científico	60
Os obstáculos: vencendo desafios	64
Pesquisas: principais enfoques e discussões.....	70
Nossos paleontólogos e as discussões sobre a deriva continental.....	74
Expedições científicas: saudosas aventuras	76
Boas lembranças.....	82
Da década de 50 aos dias de hoje: as principais mudanças	86
Nossos agradecimentos aos fundadores da Sociedade Brasileira de Paleontologia	92

Prefácio

Escrever a biografia de uma personalidade é tarefa árdua e de grande responsabilidade. Escrever a biografia de uma coletividade é ainda mais desafiador. Esta edição especial do Boletim Paleontologia em Destaque, organizada pela diretora de publicações e pela vice-presidente da Sociedade Brasileira de Paleontologia, Carla Bender Kotzian e Ana Maria Ribeiro, é justamente isso, relatos de uma história de 50 anos vivida e construída por numerosos atores de diferentes gerações de paleontólogos brasileiros. Mais do que se fixar numa sequência cronológica de eventos, na busca da completude e do detalhe, foi seguido um estilo menos tradicional e, porque não dizer, mais íntimo. Foram convidados para uma entrevista quatro fundadores da SBP, nomes consagrados na literatura paleontológica nacional e direta ou indiretamente responsáveis pela formação profissional de muitos de nós. E, para cada um, foram repetidas as mesmas perguntas. Sabedor disso, ao receber a primeira versão deste boletim comemorativo, acreditava que leria a íntegra de quatro entrevistas, quem sabe ordenadas alfabeticamente pelos nomes dos entrevistados. Novamente me surpreendi quando não encontrei a ordem esperada e muito menos o que seria a minha segunda opção, i.e., a sequência das perguntas feitas, cada uma seguida por quatro respostas. Também aqui foi transgredida a ordem e, para deleite de nós, leitores, mescladas as respostas dos entrevistados agrupando-as em capítulos temáticos. O resultado é uma “biografia” leve e instigante.

Ciente que palavras seriam insuficientes para contar os bem vividos 50 anos da SBP, o texto foi alternado com belas fotografias que lembram o fazer paleontológico seja em trabalhos de campo, no laboratório, em eventos científicos e mesmo em encontros menos formais. E, como não poderia deixar de ser, o livro inicia com a íntegra da ata de fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, datada de sete de março de 1958, e termina com a listagem dos congressos brasileiros de paleontologia e da nominata daqueles que dedicaram um período de suas vidas para trabalharem por todos nós, os membros das diretorias da SBP.

Com a palavra os professores Irajá Damiani Pinto, Maria Eugênia Marchesini Santos, Sérgio Mezzalira e Setembrino Petri, membros fundadores da SBP.

*João Carlos Coimbra
Presidente da SBP*

Apresentação

Para registrar os 50 anos da fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP), o *Boletim Paleontologia em Destaque* (BPD) apresenta nesta edição especial um pouco da história da paleontologia brasileira, entre as décadas de 1940-1960. Trata-se, na realidade, de depoimentos – escritos e ilustrados – solicitados pelo BPD, em 2008, a quatro conhecidos e respeitados associados da SBP.

Pelo papel de destaque que tiveram no desenvolvimento da paleontologia no Brasil, em especial na formação de novos paleontólogos, o BPD convidou os associados fundadores: Prof. Dr. Irájá Damiani Pinto, Profa. Dra. Maria Eugênia Marchesini Santos, Prof. Dr. Sérgio Mezzalira e Prof. Dr. Setembrino Petri para nos auxiliarem a registrar especialmente o período entre as décadas de 1940 e 1950, e os primeiros anos que precederam a fundação de nossa sociedade. Tais paleontólogos têm também, uma certa representatividade geográfica, no que se refere aos locais em que a paleontologia era conduzida no período em questão. Textos, depoimentos e fotos obtidos através de várias fontes também foram aqui incluídos, com o intuito de fazer o contra-ponto entre aquele intervalo de tempo e os dias atuais.

Nossos entrevistados nos contam em linguagem coloquial e, porque não dizer, bastante pessoal, o que os levou a se tornarem paleontólogos – uma atividade no mínimo excêntrica, em um período em que outras profissões tinham bem mais prestígio e status. Numa época em que a paleontologia era tão pouco divulgada, os fósseis tão pouco conhecidos, e os recursos escassos e difíceis, a opção de ser paleontólogo exigiu-lhes muita dedicação e perseverança.

A falta de infraestrutura e incentivo não impediram que cada um deles seguisse seus objetivos e ideais. Eram necessários auxílio financeiro familiar, árduos trabalhos de campo e um pouco de teimosia para pesquisar paleontologia “pura”. Nem mesmo o período após a Segunda Guerra Mundial parece ter sido problema para as pesquisas desenvolvidas na época, ainda que em trabalho de campo de um de nossos entrevistados, seus renomados colegas tenham sido seguidos por aviões da Força Aérea Brasileira, chegando a ser presos e confundidos com fugitivos nazistas.

Enfim, nessas décadas nem tão distantes, mas com certeza muito diferentes no que se refere às dificuldades na obtenção de resultados, 42 paleontólogos ousaram fundar a Sociedade Brasileira de Paleontologia. As trajetórias profissionais e as memórias de Irajá Damiani Pinto, Maria Eugênia Marchesini Santos, Sérgio Mezzalira e Setembrino Petri nos permitirão acompanhar e resgatar um pouco do que foi a paleontologia nas décadas que precederam e sucederam a fundação da SBP.

Um agradecimento especial ao professor Sérgio Mezzalira, um habitual colaborador da SBP (seguidamente nos enviava cartas, documentos, fotos e sugestões), que faleceu em cinco de junho de 2009. Sua dedicação e paixão pela paleontologia era notável! Quando foi entrevistado em sua casa, em São Paulo, para esta edição especial, já aposentado e aos 89 anos, fez questão de mostrar a sala que havia transformado em biblioteca e escritório de paleontologia: estava lotada de livros, documentos e fotos, lembranças de sua vida de paleontólogo. Infelizmente, ele não poderá apreciar este Boletim Paleontologia em Destaque, do qual participou com muito entusiasmo.

Ainda gostaríamos de fazer um agradecimento, não só aos entrevistados, mas também as instituições, paleontólogos, alunos e familiares dos paleontólogos fundadores que participaram como colaboradores na edição deste boletim, direta ou indiretamente, através do fornecimento de fotos, textos, e informações: Departamento Nacional de Produção Mineral, Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Museu Nacional, Museu Paraense Emilio Goeldi, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Maria, Antônio Carlos Sequeira Fernandes, Cândido Simões Ferreira, Flávio Mussa Tavares, Heloisa Maria Moraes dos Santos, Hilda Mussa Tavares, Isabel Maria Alves Mezzalira, Ismar de Souza Carvalho, João Carlos Coimbra, Jorge Ferigolo, Juliana de Moraes Leme, Maria Paula Delicio, Renata Guimarães Netto, Rita de Cássia Tardin Cassab, Sonia Agostinho, Sônia Bender Kotzian e Yvonne Sanguinetti.

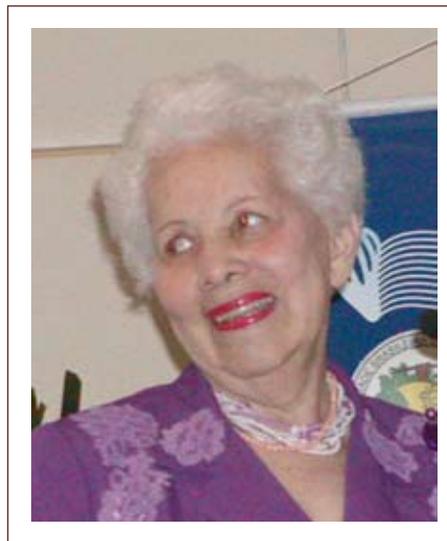
Carla Bender Kotzian

Ana Maria Ribeiro

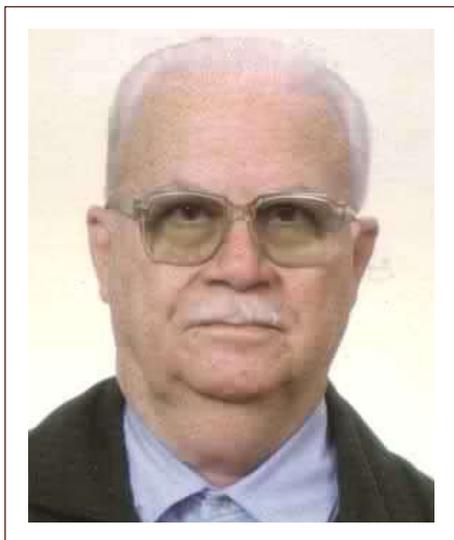
Com a palavra os professores:



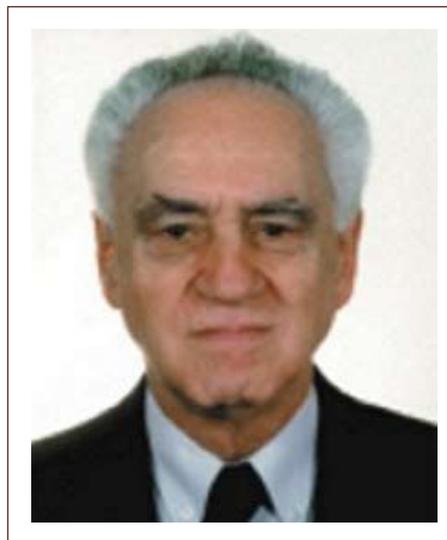
Iráj Damiani Pinto



Maria Eugênia Marchesini Santos



Sérgio Mezzalira



Setembrino Petri

Ata da fundação da
Sociedade Brasileira de
Paleontologia

Ata de fundação da "Sociedade Brasileira de Paleontologia"

Aos sete de março de 1958, às 15 horas, no Salão Nobre do Departamento Nacional da Produção Mineral, com a presença de Cândido Simões Ferreira, Carlos de Paula Couto, Diana Mussa, Elias Dolianiti, Fausto Luiz de Souza Cunha, Frederico Waldemar Lange, Friedrich Wilhelm Sommer, Ivan de Menezes Pinco, José Raymundo de Andrade Ramos, Lélia Duarte, Maria Eugênia Marchesini Santos, Maria Martha Barbosa, Paulo Erichsen de Oliveira, Rubens da Silva Santos e Wilhelm Kegel, teve início uma reunião destinada à aprovação dos estatutos da "Sociedade Brasileira de Paleontologia", à fundação dessa Sociedade, e eleição de sua primeira Diretoria.

A presente reunião foi convocada por um grupo de paleontólogos e geólogos, no dia 7 de janeiro de 1958, em que foi designada uma Comissão composta de Wilhelm Kegel, Carlos de Paula Couto e José Raymundo de Andrade Ramos, destinada a divulgar a ideia da criação da "Sociedade Brasileira de Paleontologia" e solicitar adesões e sugestões sobre um Projeto de Estatutos, naquela data aprovado.

José Raymundo de Andrade Ramos, representante da Comissão acima referida, dirigiu o trabalho dessa Assembléia, historicando, inicialmente, os fatos e relatando, finalmente, os feitos da Comissão.

Foram lidos os nomes de 55 pessoas, entre professores e profissionais da paleontologia e

pessoas de atividades relacionadas de certa ma-
 neira à coleta de fósseis ou à estratigrafia
 brasileira, a quem foram distribuídas cópias
 mimeografadas do "Projeto de Estatutos" da
 Sociedade Brasileira de Paleontologia. A maioria
 dessas pessoas, acompanhando a caixa
 desse "Projeto", foram enviadas Cartas-Mani-
 festo, de cujo texto foi dado conhecimento
 aos presentes. A Carta-Manifesto, historicando os
 acontecimentos precedentes, foi escrita nos seguin-
 tes termos, que transcrevo:

"Exmo. Sr."

Prezados Senhores:

Um grupo de paleontólogos reunidos no Rio
 de Janeiro, após demoradas discussões sobre o
 assunto, decidiu fundar a "Sociedade Brasilei-
 ra de Paleontologia", tendo em vista o inter-
 câmbio de ideias entre os paleontólogos e o
 incremento e a divulgação da Paleontolo-
 gia, no ambiente cultural brasileiro.

Após discutir minuciosamente um ante-
 projeto de Estatutos elaborado por alguns cons-
 tituintes do grupo, foi, finalmente, aprovada
 o Projeto de Estatutos da "Sociedade Brasileira
 de Paleontologia" que segue anexo a esta.

Na última reunião foi, ainda, designada por
 todos os presentes a Comissão abaixo assi-
 nada, com a incumbência de expr. a ideia
 aos demais paleontólogos que trabalham em
 território nacional, e obter deles sugestões e
 adições para melhor êxito do empreendimento
 e maior amplo congregarmento.

A adesão de V.S. à fundação da Sociedade,

Como também críticas e sugestões sobre o projeto de Estatutos, anexo, sendo elementos de estímulo a esse grupo que ora pretende se associar. Foi ao que se adresem à fundação da Sociedade, prestigiando com seu nome o empreendimento, manifestando-se, mesmo por correspondência, con-tando, nominalmente, da ata de sua funda-ção.

É oportuno observar que os diversos itens a que se propõe a Sociedade (Art. 2º do Esta-tuto), como publicações, conferências, excursões, biblioteca, Núcleos Regionais, etc., que implicam em grande soma de trabalhos, serão desen-volvidos paulatinamente, de acordo com as pos-sibilidades, durante o decurso da vida da Sociedade.

Na última reunião foi marcado o dia 7 de março de 1958, sexta-feira, para a apreciação das sugestões recebidas e para o cômputo das adesões. Nessa reunião, aprovados os Es-tatutos da Sociedade, será lavrada a ata de fundação da mesma e eleita sua primeira Diretoria. A Comissão abaixo assinada agrade, portanto, até 7 de março, o prestigioso apoio de V.S. e conta com suas esclarecidas ideias e sugestões.

Subscree-se, atenciosamente,

A Comissão:

(Ass.) Wilhela Kejel

Carlos de Paula Couto

José Raymundo de Almeida Ramos

P.S. Para esclarecimento de V.S., informa a Comissão que as reuniões preliminares refe-

rides foram realizadas nos dias 20 e 27 de dezembro de 1957 e 9 de janeiro de 1958, no Departamento Nacional da Produção Mineral, com a presença, entre outros, dos seguintes paleontólogos: Cândido Simões Ferreira, Carlos de Paula Couto, Diana Mussa, Elias Bokaniti, Friedrich Wilhelm Sommer, Ivan de Medeiros Pinoco, José Camargo Mendes, Julio Magalhães, Karl Burslen, Sélia Duarte, Llewelyn Ivor Price, Nicola Magessi, Paulo Trichsen de Oliveira, Rubens da Silva Santos e Wilhelm Kesel.

Correspondência para:

J.R. de Andrade Ramos

D.N.P.M. - Av. Pasteur, 404

Rio de Janeiro, D.F. »

As vinte e duas pessoas seguintes: Francisco Waldemar Lanza, Kenneth E. Caster, Ettore Onorato, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, Odair Barboza, Karl Burslen, Geraldo da Costa Barros Muniz, Osvaldo Rodrigues da Cunha, Sergio Mezzalana, Leon Francisco Rodrigues Clerot, Setembrino Petri, José Camargo Mendes, Jordano Mamero, Ayril Avila da Luz, Trajã Damiani Pinto, Peti Ungaratti, Sônia Bender, Amneris Cauduro, Ayrton S. Zingano, Yvonne T. Sanguinetti, Emmanuel de Azevedo Martins e Inocente do Amaral Lisboa, responderam por carta ou telegrama à Carta Manifesto, emprestando seu apoio à fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, algumas oferecendo sugestões sobre o "Projeto de Estatutos". Manifestaram-se, ainda, por intermédio de terceiros, a adesão à fundação da sociedade.

em resposta à Carta-Manifesto, os senhores: Fernando Romano Milanez, Franklin de Andrada Gomes, e Luciano Jacques de Moraes.

A seguir, foram abertas as discussões relativas ao "Projeto de Estatutos", submetendo-se inicialmente aos presentes as propostas apresentadas por correspondência.

As críticas, sugestões e palavras de estímulo do Prof. Kenneth E. Caster foram muito apreciadas.

A proposta do Prof. Ettore Ovorato, de Roma, que coincide com a do Sr. Sergio Meszler, de melhor definir o campo de associados da S.B.P., foi amorosamente discutida. Enquanto aquele focalizou ser a Paleontologia ciência "eminentemente biológica", este propôs que a associação compreenda apenas paleontólogos. Lançou objeção que até hoje se procura definir o que seja um paleontólogo, nos Estados Unidos. Sempre admitiu que nos conceitos modernos dificilmente se possa separar o biólogo do zoólogo, do paleontólogo, etc. Após trocas de idéias ficou resolvido ser mantida a redação do Projeto.

O oferecimento de Jerônimo Vingt-un Rosa de Maria, dos seus préstimos e de suas coleções, foi exposto e devidamente encarecido aos presentes.

As propostas do Prof. Karl Beurlen, de restringir as Assembleias a uma Assembleia Geral durante o Congresso e a convocação de Assembleias Extraordinárias, não foram aceitas em virtude de não haver qualquer obrigatoriedade na convocação de Assembleias, nos termos dos Estatutos. Sua

proposta de ser eleito um Redator de Publicações também foi rejeitada em virtude de estar previsto o preenchimento desse cargo, como de outros, pela Diretoria. Quanto à sua consulta de figurar expressamente nos Estatutos, a possibilidade de realização da Diretoria, foi considerada dispensável tal emenda, o mesmo se dando quanto à eliminação dos itens e, f, g e h do Art. 2º, pelo seguinte: "Promoverá, conforme as possibilidades existentes, mais instituições capazes para adiantar a ciência paleontológica e para a vulgarização da Paleontologia".

Inezgalina, lembrando insucessos por volta de 1944 ou 45, quanto à ideia de fundação de uma sociedade paleontológica, atribuindo-os ao pequeno número de paleontólogos existentes naquela época, lembra aos presentes, assegurando que "o número de paleontólogos não teve crescimento suficiente para justificar uma nova sociedade", o perigo da mesma "logo se dissolver, por falta de numerário". Depois, ainda, a criação de sócios colaboradores e coletivos, o que foi amplamente discutido, ficam os resolvidos permanecerem duas únicas categorias de sócios: Honorários e Efetivos. Quanto a um prêmio de estímulo a paleontólogos, proposto, foi o assunto adiado para discussões futuras.

O pensamento de Josué Camargo Mendes foi exposto aos presentes, de que julga prematuro criar a S.B.P. como entidade independente, embora tenha dado sua adesão à Sociedade.

Inaja Domiani Pinto e outros signatários

e sua carta, propuseram que o Congresso seja realizado em conjunto com a Sociedade Brasileira de Geologia, objeto que foi sua melhor acolhida, tendo já o assunto sido debatido favoravelmente nas reuniões preparatórias. Propuseram, ainda, que seja baixada a anuidade para 300 cruzeiros. O Sr. Kegel sugeriu, a propósito, que o critério da Diretoria seja a anuidade fixada em 300 cruzeiros para os estudantes. Lange objetou a dificuldade em estabelecer critérios justos a respeito. Vinoco acrescentou que a condição de estudante não implica necessariamente em parcimônia de recursos. Fausto Cunha alegou que vários pertencem a várias sociedades. Lange propôs, em contrário, que seja baixada a anuidade de todos para 400 cruzeiros, reconhecido que foi, pelos presentes, que 500 cruzeiros representava uma anuidade excessivamente alta. Postas em votação as duas propostas: Damiani (300) e Lange (400), foi aprovada por 7 votos a favor de 400 contra 6 a favor de 300, esta modificação, oriunda da proposta Damiani e outros.

Lange consultou Sêbe se estrangeiros poderiam ou não ser sócios da Sociedade "Brasileira" de Paleontologia. Indício Ramos respondeu que, nesse particular, está claro que nos termos dos Estatutos, pessoas de quaisquer nacionalidades, desde que satisfizessem as qualificações estatuídas, poderiam ser sócios, de acordo com os Arts. 5º, 6º, 8º e 9º.

Paulo Oliveira propôs que a sede da Sociedade seja referida como na Capital Fo-

deral, atendendo à futura mudança da Capital para Brasília. Fangei objetou que se a maioria dos sócios, no futuro, residir em Brasília, nada impede que sejam modificados os Estatutos, e que mesmo mudada a Capital, a Sede da S.B.P. poderia continuar a ser no Rio. Diante dos vários debates a respeito, o proponente retirou sua proposta.

Foram, então, encerrados os debates e aprovados os "Estatutos da Sociedade Brasileira de Paleontologia", que ficaram redigidos conforme transcrevo abaixo, e que implicam na fundação da "Sociedade Brasileira de Paleontologia", fundada a partir desse momento.

"Estatutos da Sociedade Brasileira de Paleontologia"

Título I

Da Sociedade e seus fins

Art. 1.º - A "Sociedade Brasileira de Paleontologia", fundada aos 7 de março de 1958, com sede na cidade do Rio de Janeiro, tem por finalidade incrementar e divulgar estudos e pesquisas paleontológicas, e promover intercâmbio entre os estudiosos da Paleontologia e ciências correlatas.

Art. 2.º - Para atingir seus objetivos, a Sociedade:

- promoverá reuniões periódicas, para o intercâmbio de ideias entre seus associados;
- realizará Assembléias que congregarão os seus associados, para discussões e deliberações sobre assuntos pertinentes à Sociedade;
- realizará um Congresso Anual, quando se reunirão os seus associados, além

de discutir trabalhos apresentados, realizar excursões paleontológicas e, em Assembleia realizadas durante o Congresso, tratar de assuntos pertinentes à administração da Sociedade;

- d) publicará um Boletim especializado e uma revista periódica sobre assuntos diversos de divulgação, ligados à Paleontologia;
- e) promoverá Conferências de vulgarização, cursos diversos de Paleontologia e a ela relacionados;
- f) promoverá a organização de fichários relativos a fósseis brasileiros;
- g) promoverá a organização de coleções de Paleontologia, colaborando com os Museus e coleções existentes;
- h) manterá e promoverá desenvolver intercâmbio com associações congêneras;
- i) patrocinará a formação de Núcleos Regionais;
- j) manterá uma biblioteca especializada.

Art. 3º - A "Sociedade Brasileira de Paleontologia" terá emblema e distintivo que serão escolhidos e aprovados em Assembleia.

Art. 4º - A Sociedade não poderá tomar parte em manifestações de caráter político partidário ou religioso, ou outras alheias às suas finalidades.

Título II

Dos Associados

Art. 5º - A Sociedade compreenderá associados de duas categorias:

- a. Honorários
- b. Efetivos

Art. 6º - Poderão ser sócios efetivos os que se dedicarem aos estudos paleontológicos ou afins, como profissionais, professores, ou outras pessoas, estas desde que demonstrem interesse especial pela Paleontologia. —

§ 1 - A proposta para sócio efetivo deverá ser enviada à Diretoria, assinada por três sócios efetivos, juntamente com o curriculum vitae do proposto e, sempre que possível, acompanhada de exemplares dos trabalhos de sua autoria.

§ 2 - Esta proposta será submetida aos sócios efetivos que, em voto secreto, decidirão a respeito. —

§ 3 - Esta votação poderá ser feita por correspondência e deverá realizar-se em datas fixadas pela Diretoria. —

§ 4 - Será considerado eleito o proposto que obtiver 2/3 dos votos apurados.

Art. 7º - Somente os sócios efetivos terão direito a voto. —

Art. 8º - Serão sócios honorários aqueles que, tendo feito todo trabalho de real valor à Paleontologia do Brasil, forem propostos por dez sócios efetivos, e aceitos por três quartos dos sócios efetivos da Sociedade. —

Art. 9º - Aplicam-se à eleição dos sócios honorários as normas estabelecidas nos § 2 e 3 do Art. 6º, desde que as propostas sejam acompanhadas do curriculum vitae do proposto e, sempre que possível de exemplares dos trabalhos de sua autoria.

Art. 10º - A amizade dos sócios efetivos será de

Cap. 400,00 (quatrocentos concênios).

§ Único - Esta constituição poderá ser alterada mediante aprovação de 2/3 dos sócios efetivos.

Art. 11º - É direito dos sócios:

- a) receber um exemplar de toda e qualquer publicação editada pela Sociedade;
- b) utilizar-se de todos os serviços da Sociedade;
- c) comparecer às reuniões, às Assembleias, aos Congressos e às excursões; e
- d) fazer parte de Núcleos Regionais.

§ Único - Perdendo os direitos de associação dos apólos que estiverem em atraso superior a um ano nas suas contribuições.

Título III

Da Administração

Art. 12º - A Sociedade será administrada por uma Diretoria eleita em Assembleia realizada durante o Congresso anual, e empossada logo após a eleição.

§ 1 - Nas Assembleias para eleição da Diretoria é necessário que se manifestem, pelo menos, 2/3 dos sócios efetivos da Sociedade.

§ 2 - Somente sócios efetivos poderão ser membros da Diretoria.

Art. 13º - A Diretoria será composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário e um Tesoureiro, e seu mandato se exercerá entre dois Congressos consecutivos.

§ Único - A Diretoria, para melhor desempenho

de seu mandato, poderá designar sócios para funções específicas auxiliares os quais integrarão a Diretoria que os nomeou.

Art. 14º - Compete ao Presidente:

- a) tratar dos interesses gerais da Sociedade, para tal representando-a em juízo ou fora dele, autorizando despesas, coordenando as atividades dos demais membros da Diretoria, assinando procurações, contratos, escrituras, ofícios, requerimentos e representações;
- b) presidir o Congresso, as Assembleias e as reuniões da Diretoria;
- c) organizar com os outros membros da Diretoria e de acordo com as recomendações do Congresso o programa de atividades da Sociedade;
- d) prover, de acordo com os demais membros da Diretoria, o preenchimento de cargos auxiliares na mesma;
- e) convocar Assembleias de sócios para fins específicos; e
- f) apresentar, no término de seu mandato, um relatório das atividades da Sociedade perante sua gestão, em que focalizará a atuação dos diversos integrantes da Diretoria, acompanhado de um balanço de Tesouraria.

Art. 15º - Compete ao Vice-Presidente substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Art. 16º - Compete ao Secretário dirigir as atividades da Secretaria, tratar da correspondência

cia, das comunicações aos sócios, dos arquivos, da organização dos fichários, da Biblioteca e das publicações.

§ único - O Secretário poderá propor ao Presidente a nomeação de um ou mais sócios para auxiliá-lo em suas funções.

Art. 17º - Compete ao Tesoureiro a arrecadação das rendas e a administração dos bens da Sociedade, de acordo com o Presidente, e substituir o Secretário em suas faltas e impedimentos.

Art. 18º - Compete à Diretoria resolver quaisquer casos omissos nestes Estatutos, de referendado de uma Assembleia.

Art. 19º - As Assembleias convocadas pelo Presidente para discussão e deliberação sobre assuntos pertinentes à Sociedade decidirão por maioria simples, respeitantes os diversos dispositivos constantes destes Estatutos.

§ único - Nas Assembleias convocadas para fins específicos os sócios poderão votar por correspondência.

Título IV

Do Congresso

Art. 20º - Haverá anualmente um Congresso da Sociedade, que poderá ser realizado em qualquer ponto do país, em data fixada pela Diretoria e comunicada aos sócios com antecedência mínima de três meses.

Art. 21º - O programa do Congresso contendo sugestões sobre assuntos a serem debatidos, indicações das exatidões a serem realizadas

e demais assuntos a serem tratados, será organizado pela Diretoria e comunicado aos associados com antecedência mínima de dois meses.

§ Único - Qualquer pessoa, pertencente ou não à Sociedade, poderá apresentar trabalhos a serem discutidos pelo Congresso, desde que o façam por intermédio de um sócio efetivo.

Título V

Do Patrimônio

Art. 22º - O patrimônio da "Sociedade Brasileira de Paleontologia" será constituído pela renda líquida das contribuições de seus sócios, pelas doações, legados ou outros auxílios e pela renda da venda de suas publicações.

Art. 23º - No caso de dissolução da Sociedade seu patrimônio será entregue a uma instituição brasileira, científica ou educacional, designada pela Assembleia para tal fim convocada.

Título VI

Disposições Gerais

Art. 24º - A "Sociedade Brasileira de Paleontologia" terá sede e foro na cidade do Rio de Janeiro.

Art. 25º - Estes Estatutos só poderão ser modificados parcial ou totalmente em Assembleia convocada para tal fim, por proposta assinada por dez sócios efetivos, e aprovadas as modificações pelo menos por 2/3 dos sócios efetivos.

§ Único - Qualquer projeto de reforma destes

Estados deve ser submetido à Diretoria
 que comunicará aos associados com
 antecedência mínima de dois meses,
 juntamente com a convocação da
 Assembleia para esse fim, podendo
 os votos serem remetidos por correspon-
 dência.

Art. 26º - A Sociedade só poderá ser dissolvida por
 deliberação aprovada por três quartos dos
 sócios efetivos, em Assembleia para tal
 fim convocada.

Art. 27º - Sócios efetivos, juntamente com outros
 associados, poderão constituir Núcleos Re-
 gionais, com atividades próprias, mediante
 aprovação da Diretoria.

Título VIII

Disposições transitórias

Art. 28º - Todos os que aderirem à fundação da
 Sociedade Brasileira de Paleontologia,
 manifestando-se, mesmo por correspondên-
 cia, constarão, nominalmente, da ata
 de sua fundação.»

A seguir, foi levantada a questão da
 eleição da 1ª Diretoria da Sociedade Brasileira
 de Paleontologia, conforme os termos do quinto
 parágrafo da Carta-Manifesto mencionada Nesta
 oportunidade, o Sr. Paulo Trindade de Oliveira,
 interpretando o pensamento de um grupo de
 presentes, apresentou a seguinte chapa para
 constituir a 1ª Diretoria da recém fundada Sociedade:
 «Presidente: Wilhelm Kegel, Vice-Presidente: Carlos
 de Paula Couto, Secretário: José Raymundo de
 Andrade Ramos, Tesoureiro: Rubens da Silva Santos.»

Wilhelm Kegel desaprovou sua indicação alegando não dispor de pouco tempo para dedicar à Sociedade. Anderson Ramos desaprovou também sua indicação alegando ter suas atividades ligadas à geologia e demorar-se vários meses por ano em trabalhos de campo. Ambos, entretanto, atenderam à insistência dos presentes, tendo em vista o § único do Art. 13º dos Estatutos aprovados.

A chapa proposta foi, então, aceita por unanimidade e eleita, por aclamação, a 1ª Diretoria da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Ivan Tinoco propôs que a modalidade de eleição por aclamação utilizada nesta eleição fosse constada em ata.

Empossada esta 1ª Diretoria, foram encerrados os trabalhos, sob uma salva de palmas.

Na qualidade de Secretário da Sociedade Brasileira de Paleontologia, eu, José Raymundo de Andrade Ramos, redigi a presente ata aos 20 de março de 1958, com o consenso de D. Silveira Duarte, que anotou o desenrolar dos debates, e que foi assinada por todos os presentes à Assembleia de fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia.

Rio de Janeiro, 20 de março de 1958
 José Raymundo de Andrade Ramos
 Relat. Legale.
 Candidato Impositivo

Paulo Conti

Severina
 Christobalium?
 Francisco de los Angeles

Franklin Waldemar Lange	2
Friedrich Wilhelm Sommer	3
Han Maurício Figueira	4
Maria Rufina Afonso de Souto	10
Martha Martha Jacobson	1
Paulo Bickson de Oliveira	12 +
Paulo de S. Souto	13
Wilhelm Kegel	14 +
Henriette dos Reis	15 +
Maria Magalhães Trindade	16

Extraído do Livro de Atas das Assembleias da Sociedade Brasileira de Paleontologia, instituído e rubricado na primeira Reunião da Diretoria, que teve lugar no salão nobre do DNPM, na Av. Pasteur, 404, no dia 20 de março de 1958.



Onde se "fazia"
paleontologia no Brasil

“O Rio de Janeiro era o centro...”

Prof. Sérgio Mezzalira

Na década de 1940, a paleontologia era desenvolvida em poucos locais ou unidades federativas do Brasil. A maioria das instituições e dos profissionais estavam na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, como nos relata a professora Maria Eugênia Marchesini dos Santos.

No Rio de Janeiro, diz ela “...a pesquisa em paleontologia era feita no Museu Nacional e no Departamento Nacional da Produção Mineral. Basicamente, havia o trabalho de campo, e nos laboratórios eram preparados os exemplares das coleções. A pesquisa bibliográfica era feita nas bibliotecas do museu do DNPM, e segundo a especialidade, com apoio em consultas nas bibliotecas da Fundação Oswaldo Cruz e do Jardim Botânico.”

“O Museu Nacional é a instituição de pesquisa mais antiga do Brasil em ciências naturais e em paleontologia, pois foi criada por D. João VI, em 1818. Está situada em um grande palácio na Quinta da Boa Vista, pleno de história. Foi residência real, durante o Império.”



Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ, no final do Século XIX.
(www.camara.gov.br/internet/InfDoc/HistoriasPreservacao/Sedes/Rio.htm)

No Museu Nacional, continua a professora Maria Eugênia, “...as amplas salas, com pé direito alto abrigam exposições permanentes e temporárias. As publicações e coleções de fósseis brasileiros datam do Século XIX aos dias atuais. Ai estão depositados os fósseis da Comissão Geológica do Império, que foi a primeira tentativa para dotar o Brasil de um órgão de pesquisa geológica permanente. As salas e os laboratórios para especialistas são amplos e mantêm ainda uma decoração secular, mas os equipamentos são modernos, assim como os demais recursos tecnológicos. A biblioteca contém obras raras que são preciosidades históricas de paleontologia e periódicos e livros sempre atualizados. As especialidades exercidas na época, eram sobre mamíferos e invertebrados.”

“O Departamento Nacional da Produção Mineral, que sucedeu ao primeiro Serviço Geológico do Brasil, fundado em 1907, estava situado em um grande e bonito prédio na Praia Vermelha. Tinha uma exposição clássica e valiosa de rochas, minerais e fósseis de todo o Brasil. As seções especializadas eram as de geologia, petrografia, mineralogia, cristalografia e paleontologia.”



Prédio do Departamento Nacional de Produção Mineral na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, RJ, década de 1930. (www.panoramio.com/photo)

“O trabalho na seção de paleontologia era exercido por especialistas em paleobotânica, micropaleontologia, invertebrados e vertebrados. Havia uma ampla biblioteca, atendida por eficientes bibliotecárias, que publicaram nos boletins da DGM/DNPM [Divisão de Geologia e Mineralogia], a bibliografia da Geologia do Brasil. Com uma organização impecável, era possível consultar as séries completas dos periódicos de serviços geológicos, sociedades e academias de ciências do mundo inteiro. Na década de 70, ocorreu um incêndio que destruiu a biblioteca, uma perda irreparável.”

Nos estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul também havia instituições envolvidas com a paleontologia. No primeiro, conforme relato dos paleontólogos Sérgio Mezzalira e Setembrino Petri, havia a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), o Instituto Geográfico e Geológico (hoje Instituto Geológico), e a Escola Politécnica da USP. No segundo, de acordo com o professor Irajá Damiani Pinto, havia a Universidade de Porto Alegre (hoje, Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS]) e o Museu Julio de Castilhos, porém com uma infraestrutura que à época deixava a desejar.

“Para que se tenha uma idéia, nosso Curso de História Natural era realizado nos porões da Faculdade de Direito da Universidade. No primeiro ano, havia apenas uma sala de aula, um laboratório e outro pequeno laboratório de Fisiologia Vegetal. Constei, então, com a participação do Professor Carlos Hogetop, botânico alemão, chefe daquele setor, com doutorado na Alemanha. A possibilidade de ocupar outras áreas daqueles porões permitiu montar um laboratório servindo à Zoologia, à Genética e à Geologia. Junto tinha meu gabinete pessoal.” Prof. Irajá Damiani Pinto



Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre, RS
(www.iproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro)



Microscópio antigo (à direita) e "novo" (à esquerda) utilizados no Curso de História Natural da Universidade de Porto Alegre (Foto cedida pelo prof. Irajá Damiani Pinto)

MUSEUS

Hoje no Brasil, são conhecidos vários museus paleontológicos e museus com seções dedicadas à paleontologia como, por exemplo:

REGIÃO CENTRO-OESTE

Museu de Geociências da Universidade de Brasília (Brasília, DF)

REGIÃO NORDESTE

Fundação Museu do Homem Americano (São Raimundo Nonato, PI)

Museu Câmara Cascudo – UFRN (Natal, RN)

Museu de Paleontologia Vingt-Un Rosado – UFERSA (Mossoró, RN)

Museu de Paleontologia de Santana do Cariri – URCA (Santana do Cariri, CE)

Museu Dom José – UVA (Sobral, CE)

Museu dos Fósseis – DNPM (Crato, CE)

Museu Histórico de Alcântara (Alcântara, MA)

Vale dos Dinossauros (Sousa, PB)

REGIÃO NORTE

Museu Histórico Municipal de Guajará-Mirim (Guajará-Mirim, RO)

Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém, PA)

REGIÃO SUDESTE

Centro de Pesquisas Paleontológicas L. I. Price (Uberaba, MG)

Estação Ciência – USP (São Paulo, SP)

Instituto Geológico de São Paulo (São Paulo, SP)

Museu da Geodiversidade – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ)

Museu de Ciências da Terra – DNPM (Rio de Janeiro, RJ)

Museu de Ciências Naturais – PUCMG (Belo Horizonte, MG)

Museu de Paleontologia de Monte Alto (Monte Alto, SP)

Museu de Paleontologia de Marília (Marília, SP)
Museu de Zoologia – USP (São Paulo, SP)
Museu de História Natural de Taubaté (Taubaté, SP)
Museu Nacional – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ)

REGIÃO SUL

Museu Coronel Tancredo Fernandes Mello (Santa Vitória do Palmar, RS)
Museu de Ciências e Tecnologia – PUCRS (Porto Alegre, RS)
Museu de Ciências Naturais – CECLIMAR (Tramandaí, RS)
Museu de Ciências Naturais – FZBRS (Porto Alegre, RS)
Museu de Ciências Naturais – UFPR (Curitiba, PR)
Museu de Ciências Naturais – ULBRA (Canoas, RS)
Museu de História Geológica do Rio Grande do Sul – UNISINOS (São Leopoldo, RS)
Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto – UFRGS (Porto Alegre, RS)
Museu Histórico e Cultural Vicente Pallotti (Santa Maria, RS)
Museu Municipal Guido Borgomanero (Mata, RS)
Museu Municipal de História Natural de Ponta Grossa (Ponta Grossa, PR)
Museu Paleontológico de Mafra – UnC (Mafra, SC)
Museu Paleontológico e Arqueológico Walter Ilha (São Pedro do Sul, RS)



Centro de Pesquisas Paleontológicas L. I. Price, Peirópolis, MG.
(<http://www.uraonline.com.br/uberaba/peirópolis/index.html>)



Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Porto Alegre, RS.
(www.pucrs.br/mct)



Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, Santana do Cariri, CE.
(www.tvcidadefortaleza.com.br)



Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA. (www.noticiasdaamazonia.com.br)

INTRODUÇÃO À
PALEONTOLOGIA GERAL

JOSÉ CILRICO MENDES

Professor Auxiliar do Departamento de
Paleontologia e Estratigrafia da
Universidade de São Paulo

*A formação em
paleontologia:
cursos e livros*

Como relatam nossos entrevistados, no Brasil, as disciplinas de paleontologia eram ministradas nos cursos de História Natural das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e nos cursos de Engenharia de Minas.

“Em 1942 foi criado, na Universidade de Porto Alegre, o curso de História Natural da Faculdade de Filosofia, que teve início em julho daquele ano. A primeira cadeira de paleontologia foi lecionada em 1944, por ilustre mineralogista, professor José Rafael de Azambuja Junior, que havia cursado matéria com estrangeiros, na Universidade de São Paulo.” Prof. Irajá Damiani Pinto

Apenas em meados de 1950, um pouco antes da fundação da SBP, foi criado o curso de Geologia, independente do curso de História Natural. É também nesse momento que as disciplinas de paleontologia passam a ter maior destaque.

“Na década de 50, a paleontologia era ensinada no curso de História Natural da FFCL. A partir de 1956, surgiu o curso de Geologia da USP, para onde alguns alunos do curso de História Natural se transferiram. Alguns interessados, vindos de outros cursos, também procuravam maiores conhecimentos de paleontologia na USP. A partir de 1960, proliferaram as disciplinas de paleontologia em diversos campi das universidades estaduais paulistas. Havia, na biblioteca da FFCL, e depois transferida para o Instituto de Geociências, muitos livros-texto de paleontologia, a maioria em inglês. Aliás, esta biblioteca específica de geologia sempre se caracterizou por grande variedade de publicações especializadas. O Josué [Camargo Mendes] escreveu diversos livros-texto de paleontologia, dirigidos para os estudantes.” Prof. Setembrino Petri



Prédio da FFCL/USP, na rua Maria Antonia (incendiado em 1968), São Paulo, SP, onde funcionaram, a partir de 1949, as seções de História Natural, Química, Letras, Filosofia, Geografia, Ciências Sociais, Pedagogia e Psicologia. (www.klepsidra.net/klepsidra12)



Capa do livro "Traité de Paléontologie" de Jean Piveteau, 1952-1966

Os livros-texto disponíveis para estudo eram poucos e todos em línguas estrangeiras.

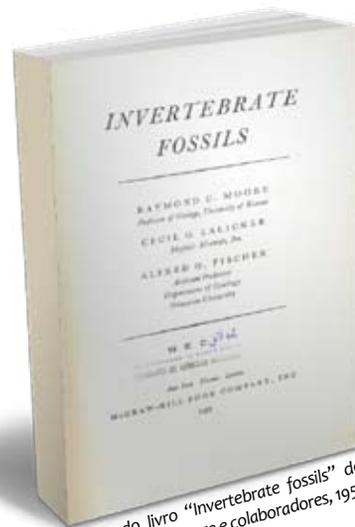
"Não existia livro de paleontologia na Universidade. O único com que contei, e contavam os alunos, era um livro em francês: Traité de Paléontologie, de Jean Piveteau, que pertencia ao Professor Azambuja." Prof. Irajá Damiani Pinto

A Professora Maria Eugênia conta-nos também que *"Os livros de texto eram em inglês, como o do Zittel para invertebrados, e o Romer para vertebrados, e em francês o Tratado de Paleontologia, do Piveteau,*

e o Grassé, para zoologia. Em paleoecologia o volume vermelho da Geological Society of América. Foi iniciada a edição do *Treatise on Invertebrate Paleontology*. Para equinóides recentes, o *Tratado de Mortensen*. As pesquisas eram complementadas com os periódicos dos serviços geológicos, academias de ciências e sociedades, disponíveis na biblioteca do DNPM.”

Professor Sérgio Mezzalira menciona ainda o livro de Raymond C. Moore e colaboradores, sobre invertebrados fósseis:

Somente dez anos mais tarde, foram publicados os primeiros livros de paleontologia em português, escritos por brasileiros: *Paleontologia Geral*, de Josué Camargo Mendes, e *Moluscos Fósseis do Brasil*, de Júlio Magalhães e Sérgio Mezzalira.



Capa do livro "Invertebrate fossils" de Raymond C. Moore e colaboradores, 1952



Capa do livro "Introdução à Paleontologia Geral" de Josué Camargo Mendes, 1960



Capa do livro "Moluscos fósseis do Brasil" de Júlio Magalhães e Sérgio Mezzalira, 1952

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Hoje, o Brasil conta com vários cursos de pós-graduação com linha de pesquisa em paleontologia em distintas regiões do Brasil como, por exemplo:

REGIÃO CENTRO-OESTE

DISTRITO FEDERAL

1. Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Geociências Aplicadas

Área de pesquisa: Micropaleontologia

REGIÃO NORDESTE

BAHIA

1. Universidade Federal da Bahia

Programa de Pós-Graduação em Geologia

Área de pesquisa: Micropaleontologia

PERNAMBUCO

1. Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Geociências

Área de pesquisa: Paleontologia estratigráfica

REGIÃO SUDESTE

MINAS GERAIS

1. Universidade Federal de Minas Gerais (1)

Programa de Pós-Graduação em Geologia

Áreas de pesquisa: Palinofácies e Palinologia

2. Universidade Federal de Minas Gerais (2)

Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre

Áreas de pesquisa: Paleocologia e Biogeografia

3. Universidade Federal de Viçosa

Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal

Áreas de pesquisa: Zoologia e Sistemática de vertebrados (com ênfase em mamíferos pleistocênicos)

SÃO PAULO

1. Universidade de Guarulhos

Programa de Pós-Graduação em Análise Geoambiental

Áreas de pesquisa: Palinologia e Paleobotânica

2. Universidade de São Paulo (1)

Programa de Pós-Graduação em Geociências (Geoquímica e Geotectônica)

Áreas de pesquisa: Geotectônica e Evolução de bacias

3. Universidade de São Paulo (2)

Programa de Pós-Graduação em Oceanografia

Áreas de pesquisa: Paleocologia e paleoceanografia do Quaternário com base em foraminíferos, nanofósseis calcários e geoquímica isotópica

4. Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Programa de Pós-Graduação em Biologia Comparada

Área de pesquisa: Paleontologia de vertebrados

5. Universidade Estadual de Campinas

Programa de Pós-Graduação em Geociências

Áreas de pesquisa: Paleobotânica e Tafonomia vegetal

6. Universidade Estadual Paulista/Campus Rio Claro (1)

Programa de Pós-Graduação em Geologia Regional

Áreas de pesquisa: Micropaleontologia, Paleobotânica, Paleozoologia de invertebrados e vertebrados

7. Universidade Estadual Paulista/Campus Rio Claro (2)

Programa de Pós-Graduação em Geociências e Meio Ambiente

Áreas de pesquisa: Micropaleontologia e Paleozoologia de vertebrados

RIO DE JANEIRO

1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1)

Programa de Pós-Graduação em Análise de Bacias e Faixas Móveis

Áreas de pesquisa: Estratigrafia e correlação geológica, Estudos geológicos e paleoecológicos do Quaternário no sudeste brasileiro

2. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2)

Programa de Pós-Graduação em Biologia

Áreas de pesquisa: Paleoecologia, Evolução, Sistemática e Filogenia

3. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (3)

Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução

Áreas de pesquisa: Ecomorfologia, Filogenia, Biogeografia e Paleoecologia

4. Universidade Federal do Rio de Janeiro (4)

Programa de Pós-Graduação em Geologia

Áreas de pesquisa: Estratigrafia, Bioestratigrafia e Paleoecologia, Icnologia de vertebrados e invertebrados fósseis, Paleopalinologia/paleobotânica do Cretáceo e do Quaternário, Microfósseis calcários, Paleo-herpetologia do Cretáceo, Paleomastozoologia, Paleoinvertebrados, Geomicrobiologia/microbialitos do Fanerozóico

5. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional

Programa de Pós-Graduação em Zoologia

Áreas de pesquisa: Paleontologia de invertebrados e vertebrados

REGIÃO SUL

PARANÁ

1. Universidade Estadual de Ponta Grossa

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Área de pesquisa: Análise ambiental

RIO GRANDE DO SUL

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Zoologia

Área de pesquisa: Paleontologia de vertebrados

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1)

Programa de Pós-Graduação em Geociências

Áreas de pesquisa: Micropaleontologia, Palinologia, Paleontologia de vertebrados e Paleobotânica

3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2)

Programa de Pós-Graduação em Botânica

Áreas de pesquisa: Palinologia do Quaternário

4. Universidade Federal de Santa Maria

Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Animal

Área de pesquisa: Paleozoologia de invertebrados

5. Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Programa de Pós-Graduação em Geologia

Áreas de pesquisa: Paleontologia aplicada (micropaleontologia, paleobotânica e paleoicnologia)

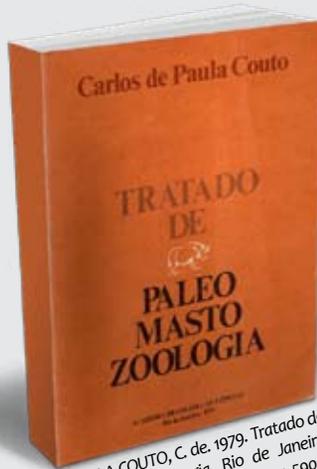
6. Universidade do Vale do Taquari

Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento

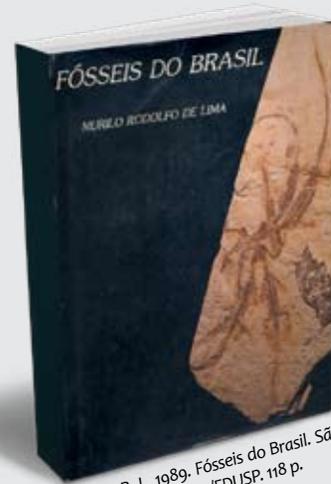
Áreas de pesquisa: Ecologia, gênese e evolução dos biomas terrestres

Livros-textos Científicos e de Divulgação

Hoje, nossos estudantes, bem como a comunidade em geral, contam com vários livros versando sobre a paleontologia brasileira, escritos em português como, por exemplo:



PAULA-COUTO, C. de. 1979. Tratado de Paleomastozoologia. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências. 590 p.



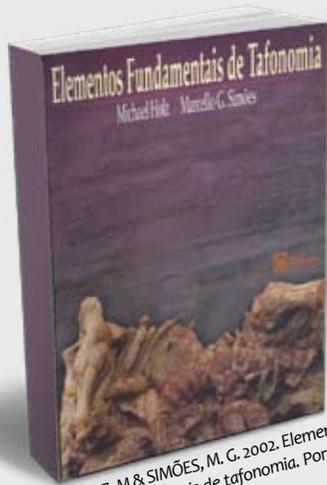
LIMA, R. L. 1989. Fósseis do Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP. 118 p.



CARTELLE, C. 1994. Tempo Passado - Mamíferos do Pleistoceno em Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora Palco. 132 p.



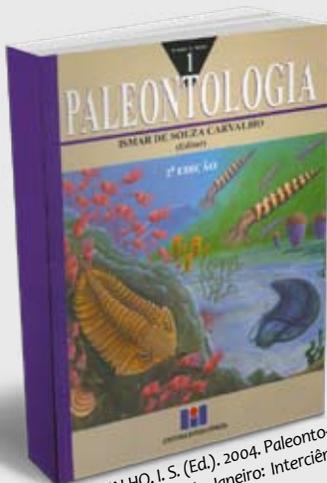
FERNANDES, A. C. S.; BORGHI, L.; CARVALHO, I. S. & ABREU, C. J. 2002. Guia dos icnofósseis de invertebrados do Brasil. Rio de Janeiro: Interciência. 260 p.



HOLZ, M & SIMÕES, M. G. 2002. Elementos fundamentais de tafonomia. Porto Alegre: EdUFRGS. 231 p.



NOGUEIRA, J. C. M. et al. 2003. Em busca dos dinossauros: uma viagem em busca do passado e do presente. São Paulo: Supernova. 176 p.



CARVALHO, I. S. (Ed.). 2004. Paleontologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, v.1. 861 p.



KELLNER, A. W. A. 2006. Pterossauros: os senhores do céu do Brasil. Rio de Janeiro: Vieira & Lent. 176 p.

*Estudantes de
História Natural*

Cerca de duas décadas antes da fundação da SBP, o contato com a paleontologia ocorria somente no curso de História Natural, oferecido em poucos estados do país. De fato, a vida acadêmica de nossos entrevistados começou nos anos 1940, quando ingressaram nos cursos de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), Rio de Janeiro; Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (USP), São Paulo; e Universidade de Porto Alegre (atualmente UFRGS), Porto Alegre. Como ainda é comum nos dias de hoje, todos só passaram a se interessar por paleontologia ou por geologia, durante o curso universitário. Em alguns casos, professores tiveram grande influência na escolha da carreira de paleontólogo.

“Quando prestei o vestibular para História Natural em 1941 [USP], vim do curso secundário, onde não tive noção nenhuma sobre geologia. Minha opção por História Natural foi através da zoologia e de noções de evolução. Contudo, a evolução que tive no curso secundário tratava apenas de genética. Descobri a paleontologia na universidade, e me tornei fã desta disciplina que, juntamente com a geologia histórica, me auxiliou na aquisição da noção de tempo na evolução.” Prof. Setembrino Petri

“Fiz o curso de História Natural na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, coleei grau em bacharel e foi nessa ocasião que eu fui conhecer a paleontologia. Isso foi mais ou menos em 1941. Me entusiasmei, fiz o curso com os professores Julio Magalhães e Tomas Alberto (de Geologia).” Prof. Sérgio Mezzalira



Prédio da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, RJ (www.webprofessores.com)

A very faint, sepia-toned background image showing a group of approximately five people, likely in a professional or office setting. The figures are mostly obscured by the texture and color of the paper, appearing as soft, ghostly shapes.

*O início da vida
profissional*

Diferentemente de hoje, quando a vida profissional em instituições públicas de pesquisa geralmente se inicia através de aprovação em concursos, entre 1940-1960 frequentemente o ingresso ocorria através de convites. Estes eram feitos por ex-professores ou profissionais, e baseavam-se no reconhecimento, direto ou indireto, da capacidade e do interesse de cada ex-estudante.

Foi desse modo que nossos entrevistados principiaram suas carreiras como paleontólogos. Os convites para seguir carreira acadêmica ou técnica, não raro, foram feitos por ilustres geólogos ou paleontólogos de renome nacional, os quais criaram as raízes da paleontologia no Brasil. Os depoimentos apresentados ao Boletim Paleontologia em Destaque ilustram como se iniciava a carreira de paleontólogo.

“Meu interesse pela matéria fez com que ele [José Rafael de Azambuja Junior] me convidasse, ainda como aluno, para auxiliá-lo como assistente, uma vez que sua linha de trabalho era a mineralogia. Deste modo, em 1945, recém-formado, assumi como assistente, a cadeira de paleontologia. Ocasão muito especial, porque coincidiu com a vinda ao Rio Grande do Sul do Dr. Llewellyn Ivor Price, do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), para fazer pesquisa de répteis no Triássico de Santa Maria.



Llewellyn Ivor Price (o segundo da esquerda para a direita), Irajá Damiani Pinto e Rubens da Silva Santos (terceiro e quarto da esquerda para a direita respectivamente) em trabalho de campo no RS, na década de 1940. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)

Convidou-me ele para participar da coleta que iria fazer em Candelária e Santa Maria, RS. Aceitei e tive uma bela e prazerosa iniciação em trabalho de campo. Cabe lembrar que, na ocasião, participava no DNPM, como laboratorista, Rubens da Silva Santos, que veio a tornar-se o grande paleoictiólogo brasileiro.” Prof. Irajá Damiani Pinto

“Quando me formei em História Natural, tive duas ofertas de emprego: uma no Rio Grande do Sul, com Herman Kleerekoper, com limnologia. Este cientista estava estudando a limnologia das lagoas dos Patos e Mirim. Preferi a oferta do Instituto Geográfico e Geológico, então da Secretaria Estadual da Agricultura do Estado de São Paulo. Posteriormente, a Geografia se desvinculou da Geologia, passando para a área de Cartografia, e o Instituto Geológico hoje pertence à Secretaria do Meio Ambiente.” Prof. Setembrino Petri

“Ingressei no Instituto Geográfico e Geológico em fevereiro de 1945 e permaneci lá até agosto do mesmo ano. Em agosto de 1945, fui contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFCL-USP), onde o curso de História Natural era ministrado pelo Dr. Kenneth E. Caster, um paleontólogo competente e de uma simpatia cativante. O único paleontólogo do curso, o ainda muito jovem Josué Camargo Mendes (nascido em 1918), era assistente do vulcanólogo Barão Ottorino De Fiori e passou então, a assistente do Dr. Caster. O Dr. Caster pediu, então, que Josué sugerisse o nome de um recém-formado em História Natural que fosse contratado pela FFCL para trabalhar com ele. Foi sugerido meu nome. Aceitei, e saí do Instituto Geográfico e Geológico e fui contratado pela USP. O Dr. Caster iniciou como meu orientador para doutoramento. Terminei minha tese sobre o Devoniano do Estado do Paraná em 1948. Mas neste ano, terminou o contrato do Dr. Caster com a FFCL, que era de três anos, e ele retornou aos Estados Unidos. Meu orientador, então, passou a ser o Dr. Viktor Leinz, que foi contratado para substituir o Dr. Caster.” Prof. Setembrino Petri

“Me entusiasmei, fiz o curso com o professor Julio Magalhães e Tomas Alberto (de geologia). Terminado o curso, fui passar férias em Campinas. Fui contratado para trabalhar no Rio de Janeiro com o Paulo Erichsen [de Oliveira]. Comecei a trabalhar em Paleontologia com o Paulo Erichsen. Conheci o Elias [Dolianiti], o Price, o Mathias [de Oliveira Roxo]... O Rio de Janeiro era o centro, pois além da DGM (Divisão do DNPM) existia o Museu Nacional. Emanuel Martins, Nei Vidal, o [Carlos de] Paula Couto... O grosso da paleontologia era o Rio de Janeiro. Em São Paulo, basicamente, só tinha o Josué [Camargo Mendes], a Universidade não tinha repartições...” Prof. Sérgio Mezzalira

“Fui aceita como bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas, em 1957, pela Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional da Produção Mineral, na época pertencente ao Ministério da Agricultura.” Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos



Elias Dolianiti, Lélia Duarte, Friedrich W. Sommer (da esquerda para direita) e Diana Mussa (atrás) com outros colegas da Seção de Paleontologia, Divisão de Geologia e Mineralogia do DNPM, na década de 1950. (Foto cedida pelo DNPM/RJ)

*O início da SBP
e os paleontólogos
do período*

A fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia teve sua raiz muito antes de 1958, conforme relato do professor Sérgio Mezzalira:

“Em mais ou menos 1943, José Raymundo de Andrade Ramos começou a agitar para fundar uma Sociedade de Paleontologia e o Dr. Mathias de Oliveira Roxo convocou o pessoal da Divisão de Geologia e Mineralogia, do Museu Nacional, e outros de São Paulo, que faziam paleontologia, para uma reunião no seu gabinete a fim de criar a Sociedade Brasileira de Paleontologia. A essa reunião compareceram, entre outros, Paulo E. de Oliveira, Llewellyn I. Price, Rubens da Silva Santos, Elias Dolianiti, Hermes de Luca e Sérgio Mezzalira, da DGM; Emanuel Martins, Carlos de



José Raymundo Andrade Ramos, um dos pioneiros a lutar pela fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, durante o 29º Congresso Brasileiro de Geologia, Ouro Preto, 1976 (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)

Paula Couto, Nei Vidal, do Museu Nacional; Josué Camargo Mendes e Júlio Magalhães, de São Paulo.” Porém, o pequeno número de paleontólogos no Brasil (menos de 40) fez com que a fundação da sociedade fosse adiada para um próximo encontro”.

De fato, usando a expressão de Sérgio Mezzalira, “o grosso da paleontologia era o Rio de Janeiro”. E como relata a Professora Maria Eugênia Marchesini Santos: “No Rio de Janeiro, em paleontologia atuavam: 1- Museu Nacional - Emanuel Martins, Nei Vidal, Carlos de Paula Couto, Maria Marta Barbosa, Cândido Simões Ferreira e Fausto Luís de Souza Cunha. 2 - Departamento Nacional da Produção Mineral – Paulo Erichsen de Oliveira, F. W. Sommer, Rubens da Silva Santos, L. I. Price, Elias Dolianiti, K. Beurlen, W.

Kegel e os bolsistas Nicéa M. Trindade, Lélia Duarte, Diana Mussa, Maria Eugenia M. Santos, Ivan de Medeiros Tinoco. 3 - Na Faculdade Nacional de Filosofia Ciências e Letras da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro – Julio Magalhães e Nicea Magessi Trindade. 4 - Na Faculdade de Filosofia do Lafaiete, hoje Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Fausto Luis de Souza Cunha e Lélia Duarte.”



Paulo Erichsen de Oliveira, em seu escritório no DNP, na década de 1960 (Foto cedida pelo DNP/RJ)



Friedrich Wilhelm Sommer, em seu escritório no DNP, na década de 1960 (Foto cedida pelo DNP/RJ)



Os paleontólogos do Museu Nacional, RJ: Fausto de Souza Cunha (em pé), Ignácio Brito (esquerda) e Cândido Simões Ferreira (direita), na Estação de Biologia de Santa Cruz, ES, em 1972. (Foto cedida por Cândido S. Ferreira)



Maria Eugênia Marchesini Santos, Diana Mussa e Nicéa Maggesi Trindade (da esquerda para direita) em trabalho de campo. (Foto cedida por Rita de Cássia Cassab)

Alguns desses nomes e outros são mencionados pelo professor Irajá Damiani Pinto, que os conheceu em estágio realizado no DNPM, Rio de Janeiro:

“Em 1946, quando estagiei durante os meses de janeiro e fevereiro no DNPM, Rio de Janeiro, passei a ter contato com grandes nomes da geologia nacional, como Othon Leonardos, Avelino Ignácio de Oliveira, Mathias Roxo, Djalma Guimarães, Elysiário Távora, Luciano Jacques de Moraes e paleontólogos como Llewellyn Ivor Price, Paulo Erichsen de Oliveira, Elias Dolianiti, Karl Beurlen e o médico e paleontólogo Emmanoel Martins.”

No Rio Grande do Sul (década de 1930 e início da de 1940), como relata o professor Irajá Damiani Pinto, havia um outro famoso paleontólogo, que trabalhava no Museu Julio de Castilhos, Carlos de Paula Couto.



Carlos de Paula Couto preparando um fêmur de *Xenarthra*, procedente de São Gabriel, RS, no Museu Julio de Castilhos, em Porto Alegre, RS. Foto publicada no jornal “A Noite Ilustrada”, em 10.02.1942.

Também em São Paulo, o número de paleontólogos era pequeno, comparado ao do Rio Janeiro, conforme nos conta o professor Setembrino Petri:

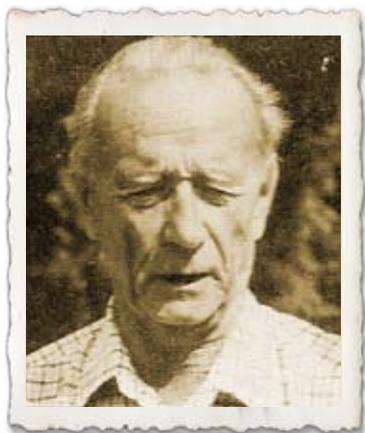
“Na FFCL, eram Josué Camargo Mendes e eu. No Instituto Geográfico e Geológico, o Dr. Sérgio Mezzalira que ocupou a minha vaga quando saí do Instituto, em agosto de 1945. Na Escola Politécnica da USP, o Dr. Octávio Barbosa [que] publicou trabalhos sobre paleobotânica do Grupo Itararé, de São Paulo, e Fernando Flávio Marques de Almeida [que] publicou trabalhos sobre conchostráceos do Itararé e estromatólitos do Pré-Cambriano.”



Os paleontólogos de SP: Setembrino Petri (ao microfone), Josué Camargo Mendes (atrás) e Sérgio Mezzalira (primeiro em pé, à esquerda) juntamente com o Irajá Damiani Pinto, do RS (segundo à esquerda) e José Raymundo Andrade Ramos, do RJ (segundo à direita), durante um evento em 1965. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)

No final da década de 1950, entre as metas do governo do presidente Juscelino Kubitschek estava o levantamento geológico brasileiro. E por isso foram criados seis cursos de geologia pela Campanha de Formação de Geólogos (CAGE), do Ministério da Educação e Cultura, em

Porto Alegre, Ouro Preto, Recife e São Paulo (decreto 40.783 de 18.01.1957), e em Salvador e Rio de Janeiro, em 1958. Muitos cientistas e estudantes, que estavam em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram para estas escolas, como por exemplo, Karl Beurlen e Ivan de Medeiros Tinoco, que se transferiram para Recife. Ainda em Recife, no Instituto de Ciências da Terra, criado em 1965, estava outro fundador da SBP, Geraldo da Costa Barros Muniz. Em Ouro Preto, o primeiro professor de paleontologia do curso de Geologia foi Moacyr do Amaral Lisboa.



Karl Beurlen. (Foto cedida por Rita de Cássia Cassab)



Ivan de Medeiros Tinoco (à esquerda), durante o simpósio de Geologia do Nordeste em 1968, na Escola de Geologia da UFPE. (Estudos Geológicos v. 17 (1), 2007)



Geraldo da Costa Barros Muniz (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)



Moacyr do Amaral Lisboa (Foto cedida por Maria Paula Delicio)

A faint, sepia-toned background image showing a group of people in a historical setting. The figures are mostly men, some wearing hats and coats, standing in what appears to be an indoor or semi-enclosed space with vertical architectural elements like columns or door frames. The overall tone is aged and historical.

*O contexto
histórico-científico*

Nos anos 1940, como registrado pelo professor Setembrino Petri, havia pouco incentivo por parte do governo para a pesquisa em paleontologia. *“Nas décadas de 20 a 50, ... não havia temas norteadores”* e as pesquisas, nas palavras do professor Irajá Damiani Pinto, eram *“pontuais, isto é, conforme eram feitas as coletas, os diferentes grupos eram estudados, exceção às pesquisas desenvolvidas por Setembrino Petri, dirigidas à pesquisa de petróleo.”* Porém, quando estava afastado da USP, o professor Setembrino Petri montou o primeiro laboratório de micropaleontologia com auxílio do Conselho Nacional do Petróleo, em 1950, em Belém, onde trabalhou até 1954.

No Rio Grande do Sul, devido às adversidades para se fazer paleontologia no estado, pelo menos um pesquisador mudou-se, em 1944, em busca de melhores condições para pesquisa.

“Na ocasião, havia um jovem, também interessado em paleontologia que iniciava seus trabalhos com vertebrados no Museu Julio de Castilhos, do Estado do Rio Grande do Sul - Carlos de Paula Couto. As condições de trabalho eram tão precárias que o levaram a transferir-se para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, onde realizou importantes pesquisas com mamíferos fósseis.” Prof. Irajá Damiani Pinto



Carlos de Paula Couto (direita) e Fausto de Souza Cunha (centro), juntamente com Edwin Colbert (esquerda), durante trabalho de campo na região de Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1959. (Foto cedida pelo MCN/FZBRS)

Todavia, o contexto histórico em boa parte dos anos de 1950 e, ainda, na década que sucedeu a fundação da SBP, é enfatizado por nossos entrevistados como uma década de efervecência e de intercâmbio, quando o interesse pelas bacias sedimentares foi impulsionado pelas pesquisas petrolíferas, e as pesquisas incentivadas pela fundação do Conselho Nacional de Pesquisas [CNPq], como conta a professora Maria Eugênia Marchesini Santos:

“A década de 50/60, no Século XX, pertence ao final do grande momento de avanço na história da educação e da ciência no Brasil. Ouvíamos ainda na universidade os ecos residuais de um espectro fantasmagórico que travou por séculos o saber no Brasil. A demarcação entre o que eram as ciências puras e aplicadas era ainda discutida, como reflexo da herança equivocada trazida da colônia, que se alongou durante o Império e a Primeira República. Havia uma satisfação na geração dos meus professores, que participaram de debates que contribuíram para a tardia criação das universidades, apenas no Século XX, após 1930.”

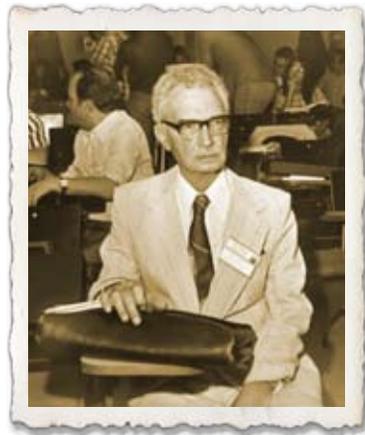


Josué Camargo Mendes, Yvonne Sanguinetti e Irajá Damiani Pinto (da esquerda para a direita) durante um evento no salão de festas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em meados da década de 1960. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)

“A fundação do Conselho Nacional de Pesquisas, em 1951, reforçou nas universidades o clima animado, o estímulo às idéias, a criação de núcleos de pesquisa, onde a Física era o grande destaque nacional e internacional. Havia abertura e oportunidade para todas as atividades de ciência.”

“Este entusiasmo era encontrado na pesquisa paleontológica realizada nas instituições mais antigas no Rio de Janeiro, representadas pelo Museu Nacional e o DNPM. Havia um intercâmbio informal com os núcleos formados nas Faculdades de Filosofia no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Tenho boas lembranças dos professores Josué Camargo Mendes e Irajá Damiani Pinto, que vinham frequentemente ao Ministério de Educação, aqui sediado, e passavam lá na Praia Vermelha. Creio que destes momentos saíram as idéias para a criação da SBP.”

“O crescimento da pesquisa em Paleontologia no Brasil está diretamente relacionado com o desenvolvimento das universidades, as reformas universitárias e a criação de cursos de pós-graduação. Foi um progresso geral da educação e da ciência, simultâneo a um aspecto particular de crescimento econômico de um setor: a criação de cursos de geologia e a demanda maior para empregos na indústria de petróleo. Havia e ainda há, plena liberdade de escolha das especialidades, seguindo vocação, incluindo a opção por microfósseis, de interesse para prospecção de petróleo.”



Frederico Waldemar Lange durante o 29º Congresso Brasileiro de Geologia, em Ouro Preto, que ocorreu de 29 de outubro a 05 de novembro de 1976. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)



Acyr Ávila da Luz (à direita) durante o 29º Congresso Brasileiro de Geologia, em Ouro Preto, que ocorreu de 29 de outubro a 05 de novembro de 1976. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)

*Os obstáculos:
vencendo desafios*

Até o final dos anos de 1930, o pouco incentivo para a paleontologia advinha da crença de que o país era pobre em fósseis.

“Havia correntes que afirmavam que o Brasil era pobre em fósseis e que estes não contribuiriam para esclarecer os grandes problemas geológicos do país, principalmente sabendo-se que no território brasileiro emerso predominam rochas pré-cambrianas. Mesmo após a descoberta de petróleo no Recôncavo Baiano, em 1938, a paleontologia não tinha o peso que tem hoje.” Prof. Setembrino Petri

Mais tarde, como registrado anteriormente, o maior obstáculo era a falta de financiamento, especialmente para a pesquisa pura, até o início dos anos 1950, pelo menos. Era preciso muita perseverança para alcançar os objetivos desejados.

“A paleontologia no Brasil... naquela época era campo [fazer mapeamentos e folhas geológicas, com ênfase nas metamórficas]... Pedi licença três vezes para não viajar, mas para poder trabalhar [pesquisar os fósseis] ... esses são os problemas da paleontologia... fazer paleontologia no Brasil não é fácil.” Prof. Sérgio Mezzalira

“Levei dez anos solicitando armário para guardar os fósseis. Me aposentei em 1981, e aí, com uma verba da FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo], a Saudade [geóloga Maria da Saudade A. S. Maranhão] reformou os laboratórios. Trabalhei depois mais quatro anos como contratado e tive que organizar a coleção novamente, pois haviam misturado tudo após a minha saída.” Prof. Sérgio Mezzalira



Coleção de fósseis do Instituto Geológico, São Paulo, SP, organizada por Sérgio Mezzalira.
(www.igeologico.sp.gov.br)

“No Estado do Rio Grande do Sul as condições de trabalho continuavam tão desanimadoras que me levaram ao vestibular e ingresso na Faculdade de Medicina, em 1952. O Professor Paulo Sawaya, da Universidade de São Paulo, lembrando os trabalhos que eu já havia feito na área das ciências naturais, achava que seria uma lástima abandoná-la pela medicina, dizendo-me que teria uma bolsa da reitoria da Universidade de São Paulo para que eu fosse realizar meu doutorado naquela universidade... Foi uma excepcional oportunidade de conviver com ilustres professores na área das geociências e o alto espírito de desenvolvimento científico lá existente. Bastaria citar o geólogo, de nascimento alemão, de grande espírito de brasilidade, o Professor Viktor Leinz, amigo e orientador de todos que o cercavam. Com risco de esquecer nomes ilustres, gostaria de lembrar aqueles com quem mais convivi e que me deram todo apoio: Josué Camargo Mendes, Sergio Amaral, Setembrino Petri, Rui Ribeiro Franco, Rui Osório e, do Instituto Geográfico e Geológico, Sérgio Mezzalira.” Prof. Irajá Damiani Pinto



Irajá Damiani Pinto (frente) em trabalho de campo com colegas durante seu curso de doutorado na USP, na década de 1960. (Foto cedida por Irajá D. Pinto)

Porém, com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas, parte desses problemas foram solucionados.

“A partir da década de 50, do Século XX, as entidades financiadoras de pesquisa tanto do estado quanto as federais forneceram o necessário auxílio financeiro. A USP, em particular, nunca impôs obstáculos ao financiamento de pesquisas, desde que fundamentados em condições razoáveis.” Prof. Setembrino Petri

“As condições para pesquisa em nossa Universidade começaram a mudar com auxílio de várias instituições. Os primeiros valiosos auxílios foram do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Auxílio fundamental também da Rockefeller Foundation que me permitiu adquirir equipamento importado da Alemanha: microscópios, lupas e demais equipamentos necessários para o setor. Da Inglaterra, em 1960, o primeiro microscópio eletrônico, acredi-

to, no país. É de lembrar também o auxílio do Ponto IV, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), que permitiram o desenvolvimento e inclusive a criação do Curso de Pós-Graduação em Geociências, tendo a paleontologia como uma de suas áreas de concentração. Devo lembrar, também, as valiosas bolsas de estudo e de viagens para conhecimento de instituições estrangeiras, que me foram proporcionadas por estas instituições – Rockefeller Foundation para estudo de micropaleontologia na Louisiana State University e visita a quatro outras universidades daquele país. Do Ponto IV, também para a organização de cursos de Geologia, em 27 universidades norte-americanas. Da Cooperation Technique Française para estudo de micropaleontologia em Paris e Pau. Do British Council, para estudo de micropaleontologia e organização de escolas. Todas essas bolsas tiveram objetivo não só do estudo de paleontologia como estudo da organização de cursos de geologia nas universidades e instituições de pesquisa.” Prof. Irajá Damiani Pinto



Mostruário de Fósseis, no prédio do Instituto de Ciências Naturais, onde trabalhavam os paleontólogos da UFRGS, entre as décadas de 50 e 80 (www.ufrgs.br/geodesia)

Mas havia ainda outros obstáculos a serem vencidos, todos também superados.

“Para o iniciante era ser aceito na instituição pública, local onde se exercia a paleontologia como ciência, e ter um orientador com bom curriculum...O pequeno obstáculo contornável foi convencer que trabalho de campo era igual para homem e mulher. No estado só tinha uma pequena bacia e as bacias cretáceas que trabalhei ficavam na região nordeste.” Profa.

Maria Eugênia Marchesini Santos

Além disso, não se pode esquecer que naqueles tempos não existiam as facilidades tecnológicas e de infraestrutura com que hoje contamos. Obviamente, isso poderia constituir um obstáculo nos dias hoje. Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 essas dificuldades faziam parte do trabalho.

“Nos primeiros tempos de Geologia, não existiam fotografias aéreas e muito menos GPS. Para localizar um ponto no campo, procuravam-se pontos de referência que aparecessem em mapas geográficos, mediam-se os ângulos entre pelo menos duas referências e o ponto que se desejava localizar, e pelo cruzamento das visadas chegava-se à posição do ponto do mapa.” Prof. Setembrino Petri

*Pesquisas: principais
enfoques e discussões*

As pesquisas na década de 1940 eram exploratórias e buscavam fósseis em regiões do país, então remotas. Tratavam-se de extensas monografias com a identificação e a descrição dos nossos fósseis.

“Os trabalhos eram de grande fôlego, onde os paleontólogos se detinham muito tempo em afloramentos, trabalhando na coleta.”

“Para exemplificar as preocupações das pesquisas daquele tempo, o Dr. Caster desejava que eu fosse aos Estados Unidos para elaboração de uma monografia sobre fósseis devonianos do Brasil. Para isso, ele conseguiu, através dos doutores Octávio Barbosa e Fernando Flávio Marques de Almeida, uma viagem a Goiás e Mato Grosso (incluindo Mato Grosso do Sul que, em 1947, não era um estado).” Prof. Setembrino Petri

Entretanto, já neste período e especialmente nos anos 1950, as pesquisas começaram a diversificar seus enfoques.

“Na década de 50/60, estávamos ainda sob as influências econômicas e culturais da Segunda Guerra Mundial. A Europa havia perdido a primazia na pesquisa geológica e paleontológica, com ocupação do espaço pelos norte-americanos. Mas, havia uma reação cultural firme principalmente de ingleses, franceses e alemães, com contribuições decisivas para as mudanças que ocorreram a partir de 1970. Todos os grupos de fósseis eram estudados com liberdade. Porém com a rápida expansão da geologia de petróleo, a pesquisa em microfósseis para datações bioestratigráficas crescia rapidamente. O estudo de fósseis que não estavam relacionados com as datações de bacias sedimentares como os invertebrados, perdia a aplicação estratigráfica.

E o projeto do Treatise on Invertebrate Paleontology, iniciado em 1957, com colaboração de paleontólogos de todo mundo, foi interrompido. Porém, os especialistas em invertebrados nos Estados Unidos iniciaram as primeiras publicações sobre paleoecologia, associados aos profissionais do continente europeu. A paleontologia de vertebrados era mantida estável, com metodologia de pesquisa próxima à linha da zoologia.” Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos

“Em escala mundial, as pesquisas enfocaram os conteúdos fossilíferos das formações, discussões sobre as idades, paleoclima e paleogeografia, baseados nos fósseis. Enfocavam grupos de fósseis de acordo com as especialidades de pesquisadores, mas abrangiam grupos diferentes quando ocorriam determinadas formações. Por exemplo, o Josué [Camargo Mendes] trabalhou com moluscos do Neopaleozóico da Bacia do Paraná, mas enfocou também conchostráceos e braquiópodes destes depósitos e da Bacia do Amazonas.” Prof. Setembrino Petri



Sônia Bender Kotzian (microfone), Ivan de Medeiros Tinoco e Setembrino Petri (ao fundo), durante o 8º Congresso Brasileiro de Paleontologia, que ocorreu de 03 a 08 de julho de 1983, no Rio de Janeiro. (Foto cedida por Sônia Kotzian)

A partir do ano de 1964, no entanto, conforme conta o professor Setembrino Petri, surge um novo enfoque:

“Considero o trabalho de Messner & Woodridge, de 1964, sobre estruturas sedimentares, incluindo isópacas e fósseis da Bacia do Parnaíba, como um marco no ressurgimento de temas norteadores.”

*Nossos paleontólogos e
as discussões sobre a
deriva continental*

“A deriva dos continentes ainda não era aceita pela comunidade mundial, onde dominava, na tectônica, a teoria do geosinclinal, com o predomínio da tectônica vertical firmemente defendida pelo russo Bellussov, grande ídolo dos especialistas em tectônica no Rio de Janeiro. Nos países do hemisfério sul, o Gondwana e a deriva continental eram aceitos pelos paleontólogos, que em suas pesquisas determinavam as semelhanças entre o Brasil e a África. Os especialistas de paleobotânica, tinham papel destacado com a extensão da flora de Glossopteris que definia as afinidades no supercontinente de Gondwana.”

Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos



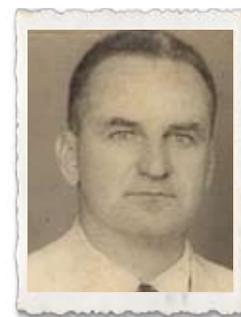
Diana Mussa. (Foto cedida por Hilda e Flávio Mussa Tavares)



Elias Dolianiti. (Foto cedida por Irajá D. Pinto)



Lélia Duarte. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)



Friedrich Wilhelm Sommer. (Foto cedida pelo DNPM/RJ)

“O problema da deriva continental era grandemente discutido, havia correntes a favor e contra. Como eu era a favor, vinha buscando sempre mais provas para o problema que hoje é reconhecido.” Prof. Irajá Damiani Pinto

“Quanto à deriva continental, o assunto era polêmico. Por exemplo, o Josué [Camargo Mendes] era adepto da deriva. Mas estando nos Estados Unidos, em 1947, geólogos americanos o convenceram de que não havia forças físicas para afastar os continentes... Falava-se em pontes continentais para explicar semelhanças entre fósseis de continentes distintos.” Prof. Setembrino Petri



*Expedições científicas:
saudosas aventuras*

“Estas viagens são as melhores recordações que tenho do Brasil. Do sul ao nordeste todas as pessoas foram amigáveis. Encontrei curiosidade e carinho, a cultura e a identidade que nos torna tão diversos, coloridos e sonoros.” Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos

“Os trabalhos mais antigos foram em bacias do nordeste. Os afloramentos ainda intactos, tinham muitos fósseis expostos. A melhor época para campo e coleta era, e ainda é, na seca. As estradas de chão cheias de poeira eram percorridas de Jipe e Rural Wyllis, todos com tração nas quatro rodas, que não atolavam. Trabalhamos nas bacias do Parnaíba, Araripe e pequenas bacias interiores, Potiguar e Sergipe-Alagoas. Não precisei acampar, pois as cidades ficavam localizadas dentro dos limites das bacias que estudamos. As viagens mais recentes nas décadas finais do Século XX, foram nos terrenos de carvão da Bacia do Paraná desde Bagé, no Rio Grande Sul até Cerquilho

em São Paulo, e nas áreas de calcários Bambuí, em Minas Gerais e Bahia.”

Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos

“Não contávamos com condução para trabalho de campo ou visitas a estações experimentais. Felizmente, a firma de meu avô materno,

Agostino Damiani, cedia um caminhão a gasogênio que servia ao transporte de alunos e um carro particular, cedido pelo meu tio Dante Damiani, usados para excursões que contavam com a presença do Professor José Grossman, da Escola de Agronomia e Vete-



Maria Eugênia Marchesini Santos em afloramento do Calcário Bambuí, no Congresso Brasileiro de Geologia, 1965. (Foto cedida por Rita de Cássia Cassab)



Caminhão a gasôênio usado por Irajá Damiani Pinto para realização de trabalhos de campo. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)



Carro particular usado por Irajá Damiani Pinto, para trabalhos de campo. (Foto cedida por Irajá Damiani Pinto)

rinária, para coleta de drosófilas. Mais tarde, quando adquiri automóvel, passei a usá-lo também como condução de campo.” Prof. Irajá Damiani Pinto

“Percorrer e examinar estes afloramentos [no interior de São Paulo, em estradas de chão] era compensador: Octávio Barbosa, Fernando Flávio Marques de Almeida e eu encontramos um afloramento na Estrada Capivari-Salto, rico em fósseis marinhos do Grupo Itararé, com gêneros e espécies de braquiópodes, bivalves e crinóides diferentes de todas as outras ocorrências de outras localidades do Itararé. O afloramento foi posteriormente aterrado e gramado, o que o destruiu para a paleontologia.” Prof. Setembrino Petri

“...Foi uma memorável viagem [para Goiás e Mato Grosso, em 1947]. Fomos com um jipão e uma pick-up para mantimentos e gasolina, através do cerrado, sem estradas. Às vezes, era necessário cortar alguma árvore que dificultava a passagem de veículos. Quando topávamos com um córrego, descíamos, e cortávamos alguns troncos de árvore e elaborávamos precárias pontes. Vimos, no caminho, um grande número de animais que hoje já não se encontram nesses locais. A cidade de Brasília ainda não havia sido construída. Passamos dois meses nessa viagem, e coletamos grande número de caixas com fósseis devonianos. Antes de chegarmos a Campo Grande, a embreagem do jipão moeu-se, e tivemos que alugar um caminhão para transportar a nós e ao material até Campo Grande. Na cidade, despachamos as caixas para o DNPM do Rio de Janeiro, de onde elas seriam enviadas para a Universidade de Cincinnati, onde o Dr. Caster era professor. Contudo, as caixas nunca chegaram ao destino, e se perderam. Não tínhamos mais os fósseis para a monografia.” Prof. Setembrino Petri

Muitos são os registros fotográficos mostrando as dificuldades dos trabalhos de campo daquela época, em diferentes regiões do Brasil, o que não impedia que os mesmos fossem prazerosos.



Da esquerda para a direita: Rubens da Silva Santos, Elias Dolianiti e Llewellyn Ivor Price, em coleta de 70 dias no Rio Grande do Sul, em 1942, em busca de répteis triássicos. (Foto cedida por Maria Eugênia Marchesini Santos)



Cândido Simões Ferreira em trabalho de campo na Ilha de Fortaleza, PA, em 1959. (Foto cedida por Cândido S. Ferreira)



Carlos de Paula Couto e Fausto de Souza Cunha, juntamente com Edwin Colbert em trabalho de campo na região de Santa Maria, RS, em 1959. (Foto cedida pelo Museu de Ciências Naturais da FZB RS)



Sérgio Mezzalira em trabalho de campo, em afloramento fóssilífero do Grupo Tubarão, na região de Tatuí, SP, em 1948. (Foto cedida por Sérgio Mezzalira)



Boas lembranças

O Boletim Paleontologia em Destaque pediu aos entrevistados que nos contassem passagens memoráveis, durante suas vidas profissionais como paleontólogos. As recordações das décadas que englobaram a fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia foram muito variadas, ora lembrando da diferente dinâmica do trabalho, ora das aventuras e excursões.

“Nos anos de 1960 e 1970, como moradora de Copacabana, no Rio de Janeiro, ir para o Nordeste era uma transposição de cultura. As crianças, as mulheres, os pobres, nos distantes locais de coleta, muito me comoviam. Hoje, a pobreza está igualada e exposta em pequenos lugarejos e nas megacidades.”

“Guardo a imagem daquele Brasil ingênuo, sem violência, do forró de sábado, do sorvete de manga-ba. Dos afloramentos extensos cheios de concreções com peixes no Araripe; gastrópodes, equinóides e lamelibrânquios atapetando os carbonatos nos arredores de Mossoró, Rio Grande do Norte, e ainda imensos e diversificados amonóides das localidades nos arredores da histórica cidade de Laranjeiras, em Sergipe. Todos abundantes, soltos e fáceis de coletar. Sonhos de paleontólogo que vivi.”



Nicéa Magessi Trindade, Amnéris Cauduro, Maria Eugênia Marchesini Santos e Ayrton Zíngano em trabalho de campo em Macau, durante o 2º Congresso de Paleontologia, em Mossoró, RN, que ocorreu de 16 a 25 de julho de 1961. (Foto cedida por Rita de Cássia Cassab)



Maria Eugênia Marchesini Santos homenageada no XX Congresso Brasileiro de Paleontologia, em Búzios, RJ, em 2007.

“Todos os congressos foram bons, pois revemos amigos e reatamos laços, porém a homenagem que recebi no XX Congresso Brasileiro de Paleontologia, em 2007, em Búzios, Rio de Janeiro, foi um momento de muita ternura. Obrigada a todos vocês, paleontólogos das gerações mais novas.” Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos

“Em 42, ocorreu a guerra [Segunda Guerra Mundial] e então não se podia fazer, não se podia viajar, não se podia sair. Eu fui fazer uma excursão com o Paulo Erichsen [de Oliveira] numa praia deserta do litoral fluminense, coletando fragmentos de lamelibrânquios, quando passou um avião no alto. O Paulo disse: ‘daqui a pouco vamos ter problemas’. Não demorou cinco minutos, passou um avião da Força Aérea Brasileira e nos viu coletando conchinhas. Pensaram que nós fôssemos alemães, que tínhamos invadido

a praia deserta, fiquei com medo, se ele quisesse metralhar, éramos só eu e o Paulo. No dia seguinte, tivemos uma intoxicação geral, devido a uma salada de batata. Eu não fui na coleta e foram o Paulo e o Price. Os dois foram presos na praia e ficaram detidos até provar que eram brasileiros... Eu não fui, graças a Deus.” Prof. Sérgio Mezzalira

“Já mencionei a memorável viagem por Goiás e Mato Grosso, só não mencionei um encontro com índios ainda com pouco contato com a civilização. Não usavam roupa; eles chegaram a nós e arrancaram os botões de nossas camisas, guardando-os com eles.” Prof. Setembrino Petri

“Para não me alongar muito, só contarei mais um momento de minha vida profissional. Durante minha estada em Belém, trabalhei com o engenheiro de minas Salustiano de Oliveira e Silva, um sergipano de pavio curto. Entrou em choque com o superintendente do CNP [Conselho Nacional do Petróleo], em Belém, Décio Oddone. Tínhamos viagem marcada no dia seguinte, Belém-São Luís de barco, acompanhando a costa, e as formações geológicas que encontrávamos seriam estudadas, principalmente a Formação Pirabas. Poderia ser puro acaso, mas o Décio [talvez, devido ao desentendimento] liberou um barco pequeno, o “Golden Spade”, que esteve na guerra no Pacífico, e foi vendido pelos americanos para o CNP: o barco era tão pequeno que os marinheiros hesitaram em colocá-lo no mar. As ondas que encontramos eram tão fortes que varriam o convés, e tínhamos que segurar no mastro para não sermos jogados no mar. Acompanhando o barco, havia quatro ou cinco tubarões. A sorte é que a costa é recortada, o que nos proporcionou abrigo nas enseadas. Tive outras aventuras, mas não quero me alongar aqui.” Prof. Setembrino Petri

*Da década de 1950
aos dias de hoje:
as principais mudanças*

Desde a fundação da SBP, as principais mudanças de cunho científico citadas pelos entrevistados foram o reconhecimento da tectônica de placas, explicando a deriva continental, e os novos enfoques e disciplinas que foram paulatinamente se integrando à paleontologia.

“Em minha opinião, o evento mais marcante no Século XX, foi o reconhecimento feito pela teoria da tectônica de placas, em 1970, da existência do antigo supercontinente do Gondwana. Defendido pelos paleontólogos do Hemisfério Sul, as argumentações eram baseadas nas semelhanças existentes entre Brasil e África [dadas] no Paleozóico, pelas floras de Glossopteris e pelos répteis Mesosaurus, e no Cretáceo do nordeste, pelas faunas de invertebrados das bacias marginais do leste.”

“Também são importantes, as mudanças propostas a partir de 1972, sob a denominação de paleobiologia, ampliando e diversificando as metodologias multidisciplinares e as interfaces da paleontologia com a biologia e a geologia.” Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos

Entretanto, o que mais chamou atenção foi o aumento do número de paleontólogos e de centros de pesquisa no Brasil, desde os anos de 1950.

“As universidades que trabalhavam em paleontologia na década de 1950 eram situadas no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul. Atualmente os sócios [associados] da SBP são profissionais da pesquisa e ensino, situados na maioria dos estados da federação, em cerca de setenta instituições. São centros de pesquisas em órgãos públicos e privados, estatais, universidades, fundações e museus. Desenvolvem inovações científicas e tecnológicas, e metodologias interdisciplinares.” Profa. Maria Eugênia Marchesini Santos

“Os aspectos mais marcantes foram o aumento de paleontólogos, a diversificação dos centros de pesquisa e, conseqüentemente, o aumento ponderável dos campos de pesquisa da paleontologia.” Prof. Setembrino Petri

“Infelizmente, a pressa com que os paleontólogos hoje realizam suas pesquisas, aliás, a mesma tendência em outros campos de pesquisa, tendo à mão o computador, o que reconheço ser valioso, dificultaram os planejamentos de grandes monografias paleontológicas.” Prof. Setembrino Petri

OS AVANÇOS DA PALEONTOLOGIA BRASILEIRA

Desde a fundação da SBP, a paleontologia brasileira sofreu mudanças significativas. O aumento do número de cursos, instituições e museus voltados à paleontologia, acompanhado pelo aumento do número de sócios da SBP e, ainda a maior abrangência da paleontologia no território nacional – existem paleontólogos em quase todos os estados do País – estão entre as modificações mais marcantes mencionadas. Estas foram muito bem lembradas durante a comemoração dos 50 anos de SBP, no discurso proferido em sete de março de 2008, pelo então presidente da SBP, João Carlos Coimbra.

*“Gostaria de iniciar citando uma frase muito conhecida do Padre Antônio Vieira, jesuíta português do século XVII, que trabalhou por longo período no Brasil: **‘Para falar ao vento, bastam palavras, para falar ao coração são necessárias obras’**. Se hoje estamos aqui unidos por várias gerações de paleontólogos, é porque a nossa ciência teve a felicidade de encontrar no Brasil um grupo de professores/pesquisadores que não só tinham (e têm) o prazer de discutir paleontologia, mas também trabalharam arduamente por ela. E esse trabalho atravessou as portas dos seus laboratórios, unindo-os por um objetivo maior e coletivo, que fez com que fundassem a Sociedade Brasileira de Paleontologia. E foram duas tentativas, a primeira em 1943; porém, naquela oportunidade a comunidade paleontológica ainda era muito pequena no país. Mas a saga continuou. Passados mais 15 anos, em 7 de março de 1958, foi fundada a SBP por 42 visionários que conseguiram transformar o sonho em realidade.*

E as obras continuaram! Certamente uma das mais importantes foi a criação dos cursos de mestrado e doutorado com área de concentração em paleontologia, o que ocorreu no final da década de 60/ início da de 70. A partir desse marco, o número de paleontólogos no país vem crescendo numa velocidade maior a cada década, fato visível, inclusive, pelo número de sócios da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Em 2000 éramos 176 sócios quites e hoje somos 433! Outro testemunho desse crescimento persis-

tente é o número de eventos nas diferentes áreas da Paleontologia que ocorrem todos os anos, desde pequenos encontros regionais (como as reuniões Paleo), passando por simpósios e congressos nacionais, e chegando a eventos internacionais, cada vez mais comuns em nosso país. Soma-se a esse cenário, a Revista Brasileira de Paleontologia, que surgiu no ano de 2000, como um periódico de caráter local, e que alçou novos vãos, e hoje já obteve várias indexações, bem como a certificação Qualis Nacional A da Capes, e encontra-se em análise pelo ISI.

É importante também registrar que a distribuição de paleontólogos profissionais no território nacional está vencendo a enorme concentração que temos nas regiões Sul e Sudeste. Se não é possível dizer que estamos vivendo numa situação próxima à ideal, é possível perceber que esse quadro se altera rapidamente. Temos hoje paleontólogos doutores produzindo conhecimento e formando jovens na maioria dos estados brasileiros. E, com a expansão do ensino superior federal, novas vagas para docentes doutores surgem com frequência, algumas também para paleontólogos. Além disso, a busca por micropaleontólogos pela indústria do petróleo, em especial pela PETROBRAS, tomou novo fôlego, e a demanda já é maior que a oferta de especialistas.

Talvez alguns possam estar pensando que a minha fala é otimista demais. Vou citar outra frase, uma igualmente bem conhecida, dessa vez de Shakespeare: **‘Sofremos demasiado pelo pouco que nos falta, e alegriamo-nos pouco pelo muito que temos’**. E me pergunto: ‘Como não ser otimista diante dessa exitosa história da nossa sociedade e ciência no país que, como vimos, mesmo 15 anos antes da fundação da SBP, já contava, em 1943, com um grupo de profissionais que partilhava desse objetivo comum em prol da paleontologia no Brasil? Como não se alegrar diante da bela trajetória da nossa ciência nesse país nos últimos 50 anos?’ Se, por um lado, com certeza, temos que manter o espírito crítico que nos faz prosseguir e progredir, também temos muito do que nos alegrar! É por isso que nos reunimos hoje aqui, sem nenhum conflito de gerações, todas irmanadas por uma mesma paixão, a Paleontologia. ...”

50 ANOS DE SPB: EM 2008 PALEONTÓLOGOS DE DIVERSAS REGIÕES DO BRASIL COMEMORARAM OS 50 ANOS DA CRIAÇÃO DA SBP como:

No Rio Grande do Sul, onde atualmente está sediada a diretoria da Sociedade Brasileira de Paleontologia, os 50 anos de SBP foram comemorados em um coquetel realizado em Porto Alegre, no dia 7 de março, no restaurante Épico do clube Grêmio Náutico União.

No Rio de Janeiro, o evento comemorativo ao Dia do Paleontólogo 2008 e aos 50 anos da SBP foi celebrado no dia 7 de março, no auditório “Roxinho” do Centro Cultural Horácio Macedo, localizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN).



Foto cedida por Simone Baecker Fauth.



Renata Guimarães Netto durante a homenagem oferecida aos fundadores da SBP, Irajá Damiani Pinto (centro), Yvonne Sanguinetti (esquerda) e Sônia Bender Kotzian (direita), RS.



Mesa Redonda no Instituto Geológico, em São Paulo, durante as comemorações dos 122 anos de criação da “Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo” e os 50 anos de SBP. (BPD nº 61)



Jantar de confraternização e comemoração dos 50 anos de SBP realizado no dia 7 de março de 2008, em Rio Branco, Acre. (Foto cedida por Karen Adami Rodrigues)



Maria Eugênia Marchesini Santos recebe flores no final do evento. (http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=5049. Publicado em 07/03/2008)



José Raymundo Andrade Ramos homenageado durante o evento por seu longo e brilhante trabalho em geologia. (http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=5049. Publicado em 07/03/2008)

Nossos agradecimentos
aos fundadores da
Sociedade Brasileira
de Paleontologia

Para nós, paleontólogos, um importante evento marcou o ano de 1958: a criação da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Em 9 de janeiro de 1958, de acordo com trechos da ata de fundação da SBP: *“em reunião convocada por um grupo de paleontólogos e geólogos, foi designada uma Comissão contituída por Carlos de Paula Couto, José Raymundo Andrade Ramos e Wilhelm Kegel, destinada a divulgar a idéia da criação da ‘Sociedade Brasileira de Paleontologia’ e a solicitar adesões e sugestões sobre um ‘Projeto de Estatutos’.* Foram lidos 55 nomes de paleontólogos profissionais e pessoas de atividades relacionadas à coleta de fósseis, a quem foram distribuídas cópias do ‘Projeto de Estatutos’ da Sociedade Brasileira de Paleontologia. A quarenta dessas pessoas, também foram enviadas Cartas-Manifesto, historiando os acontecimentos precedentes.

Aos sete dias de março de 1958, às 15 horas, no Salão Nobre do Departamento Nacional de Produção Mineral, com a presença de Cândido Simões Ferreira, Carlos de Paula Couto, Diana Mussa, Elias Dolianiti, Fausto Luiz de Souza Cunha, Frederico Waldemar Lange, Friedrich Wilhelm Sommer, Ivan de Medeiros Tinoco, José Raymundo de Andrade Ramos, Lélia Duarte, Maria Eugênia Marchesini Santos, Maria Martha Barbosa, Paulo Erichsen de Oliveira, Rubens da Silva Santos e Wilhelm Kegel, teve início uma reunião destinada à fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, à aprovação dos Estatutos desta sociedade, e à eleição de sua primeira Diretoria. Os pesquisadores Kenneth E. Caster, Ettore Onorato, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, Octávio Barbosa, Karl Beurlen, Geraldo da Costa Barros Muniz, Osvado Rodrigues da Cunha, Sérgio Mezzalira, Leon Francisco Rodrigues Clerot, Setembrino Petri, Josué Camargo Mendes, Jordano Maniero, Acyr Ávila da Luz, Irajá Damiani Pinto, Ieti Ungaretti, Sônia Bender, Amneris Cauduro, Ayrton G. Zingano, Yvonne T. Sanguinetti, Emmanoel de Azevedo Martins e Moacyr do Amaral Lisboa responderam, via carta ou telegrama, à Carta-Manifesto, emprestando seu apoio à fundação da Sociedade Brasileira de Paleontologia, e alguns oferecendo sugestões à redação do ‘Projeto de Estatutos’. Manifestaram-se, ainda, por intermédio de terceiros, aderindo à fundação da Sociedade, Fernando Romano Milanez, Franklin de Andrade Gomes e Luciano Jacques de Moraes.”

Assim, há meio século, com esforço e luta, estes naturalistas, engenheiros de minas e estudantes fundaram a Sociedade Brasileira de Paleontologia. Este BPD é nossa homenagem aos 42 visionários que lutaram por um ideal e, mesmo diante de muitos prós e contras, transformaram o sonho em realidade, e se tornaram exemplos a serem seguidos.

A maioria destes cientistas vem, ao longo destes anos, influenciando e conquistando alunos e colegas com exemplos de trabalho árduo e sério. Nos sentimos recompensados por trabalhar com a paleontologia do nosso país e de poder participar da Sociedade Brasileira de Paleontologia. A estas pessoas o nosso sincero reconhecimento. Muito obrigado!

1. *Acyr Ávila da Luz (PETROBRAS, DNPM, BRASPETRO em Angola), engenheiro de minas, metalurgia e civil.*
2. *Amneris Cauduro (UFRGS) publicou trabalhos sobre megásporos da Bacia do Paraná no Rio Grande do Sul.*
3. *Ayrton G. Zíngano (UFRGS), médico e paleontólogo, contribuiu para o estudo dos megásporos da Bacia do Paraná no Rio Grande do Sul.*
4. *Cândido Simões Ferreira (Museu Nacional, Museu Paraense Emilio Goeldi, UFRJ), reconhecido por sua dedicação científica à pesquisa e ao ensino, trabalhou com sistemática de moluscos meso-cenozóicos, e estratigrafia das formações meso-cenozóicas do norte e nordeste do Brasil, destacando-se sua obra sobre a geologia e a paleontologia da Formação Pirabas, com importante estudo da malacofauna miocênica. Participou como tesoureiro da SBP em várias gestões, sendo presidente de 1968 a 1978.*
5. *Carlos de Paula Couto (1910-1982) (Museu Nacional, Fundação Zoobotânica do RS), paleontólogo de vertebrados, reconhecido por sua grande contribuição ao estudo dos mamíferos fósseis. Foi o primeiro presidente da Fundação Zoobotânica do RS e professor do curso de Pós-Graduação em Geociências da Universidade Federal do RS. Participou da primeira diretoria da SBP (1958-1959) e como presidente entre 1963-1964.*
6. *Diana Mussa (1932-2007) (Comissão de Energia Nuclear, DNPM, Museu Nacional, UFRJ), foi pesquisadora na área da paleobotânica, sendo reconhecida mundialmente como autoridade na sua área de pesquisa. Viveu muito tempo no Amazonas, numa cidade chamada Tefé (colônia de hansenianos), às margens do Rio Negro.*

7. *Elias Dolianiti (-1985) (DNPM), trabalhou com paleobotânica e foi presidente da SBP entre 1960 e 1961.*
8. *Emmanoel de Azevedo Martins (Museu Nacional), desenvolveu pesquisas com invertebrados. Foi professor de paleontologia de Ivan M. Tinoco.*
9. *Ettore Onorato (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), cristalógrafo italiano, estimulou os estudos mineralógicos e petrográficos durante a sua permanência na USP.*
10. *Fausto Luiz de Souza Cunha (1926-2000) (Museu Nacional), paleontólogo de vertebrados, desenvolveu importantes trabalhos, em especial com mamíferos do Pleistoceno/Holoceno. Deu início ao movimento de preservação da Bacia de Itaboraí.*
11. *Fernando Romano Milanez (Serviço Florestal do Brasil, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, UnB, UNICAMP, UFRJ), eminente botânico brasileiro que desenvolveu trabalhos sobre a flora do país, como o estudo de citologia vegetal das madeiras brasileiras, em especial as da Amazônia.*
12. *Franklin de Andrade Gomes (PETROBRAS), desenvolveu trabalhos sobre geologia estratigráfica estrutural e econômica da área do Araguaia conjuntamente com Octávio Barbosa, José Raymundo Andrade Ramos e Reinhard Helmbold.*
13. *Frederico Waldemar Lange (- 1988) (Museu Paranaense, PETROBRAS), trabalhou com micropaleontologia, em especial com quitinozoários, fez parte da diretoria da SBP entre 1960 e 1961.*
14. *Friedrich Wilhelm Sommer (1907-1994) (DNPM, UFRJ), austríaco, especialista em micropaleobotânica e palinologia, escreveu o primeiro manual de esporos e megásporos publicado no Brasil.*
15. *Geraldo da Costa Barros Muniz (UFPE), trabalhou com invertebrados fósseis do Nordeste. Descobriu, juntamente com Giuseppe Leonardi, pistas de dinossauros relacionadas às Bacias de Lima Campos, Iguatu e Palestina, em 1981.*
16. *Ieti Ungaretti (MCN/FZBRS), trabalhou com algas verdes atuais e foi curadora da Coleção Ficológica do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, entre 1975 e 1984.*

17. *Irajá Damiani Pinto (UFRGS), especialista em ostracodes atuais e fósseis e em malacostráceos e insetos fósseis, com ênfase em sistemática, ecologia e bioestratigrafia. Organizou o Instituto de Ciências Naturais, em 1953, o Curso de Geologia, em 1957, e o de Pós-Graduação em Geociências, em 1968, da UFRGS. Foi membro da diretoria da SBP entre 1959 e 1960.*
18. *Ivan de Medeiros Tinoco (1927-2006) (DNPM, CAGE, UFPE), desenvolveu estudos com ecologia e sistemática de foraminíferos, identificando várias espécies novas, recentes e fósseis. Foi membro da diretoria da SBP entre 1968 e 1970.*
19. *Jerônimo Vingt-un Rosado Maia (1920-2005), estimulou o desenvolvimento da paleontologia do Rio Grande do Norte e foi fundador da Escola Superior de Agricultura de Mossoró. Foi membro da diretoria da SBP entre 1965 e 1968.*
20. *Jordano Maniero (Instituto Adolfo Lutz, SP), desenvolveu trabalhos com plantas fósseis e madeiras silicificadas da Bacia do Paraná (Fm. Estrada Nova, SP) nas décadas de 40 e 50. Participou, em 1945, juntamente com Josué Camargo Mendes, entre outros, da primeira reunião para a fundação de uma sociedade científica de geologia, em São Paulo.*
21. *José Raymundo de Andrade Ramos (DNPM, CPRM), engenheiro de minas, metalurgia e civil, com forte atuação na Sociedade Brasileira de Paleontologia e Sociedade Brasileira de Geologia, fez parte das duas primeiras diretorias da SBP, entre 1958 e 1960.*
22. *Josué Camargo Mendes (1918-1991) (USP), especialista em braquiópodes, autor de importantes livros sobre paleontologia, foi membro da diretoria da SBP entre 1963-1964.*
23. *Júlio Magalhães (Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil), escreveu o livro Moluscos Fósseis do Brasil, com Sérgio Mezzalana.*
24. *Karl Beurlen (1901-1985) (UFPE, DNPM), alemão formado em Tübingen, foi um grande integrador de dados e especialista em invertebrados fósseis.*
25. *Kenneth E. Caster (1908-1992), geólogo americano da Universidade de Cincinnati, fez vários trabalhos de campo no Brasil com colegas brasileiros nas bacias do Paraná e Parnaíba, entre eles, com Llewelyn Ivor Price, no Devoniano da região de Picos, no Piauí, coletando fósseis e descrevendo a geologia local.*
26. *Lélia Duarte (DNPM, UERJ), especialista em botânica e paleobotânica, com relevantes contribuições sobre a flora meso-cenozóica brasileira. Participou de várias gestões como secretária da SBP (entre 1960-1962 e 1965-1968).*

27. Leon Francisco Rodrigues Clerot (1889-1967) (Centro Agrícola de Pindobal, Departamento de Estradas e Rodagem/DER/PB), engenheiro, porém interessado por diversas outras áreas nas quais atuou, entre elas paleontologia, arqueologia e geologia. Foi fundador do Museu do Estado da Paraíba e do Instituto Paraibano de Arqueologia e Antropologia.
28. Llewelyn Ivor Price (1905-1980) (DNPM), dedicou-se ao estudo dos vertebrados fósseis. Registrou fósseis de dinossauros nas rochas cretáceas da Ilha do Livramento, MA, e descreveu o primeiro anfíbio fóssil do Brasil, de idade permiana. Fez trabalho de campo em várias regiões do Brasil e colaborou com o Conselho Nacional do Petróleo em reconhecimentos e mapeamentos geológicos. Foi presidente da SBP entre 1961-1962.
29. Maria Eugênia Marchesini Santos (DNPM, CPRM, UFRJ), naturalista, desenvolveu trabalhos com invertebrados, ambientes de sedimentação e carvão. Foi tesoureira da SBP entre 1965 e 1968 e novamente entre 1970 e 1976.
30. Maria Martha Barbosa (Museu Nacional), naturalista, especialista em briozoários.
31. Moacyr do Amaral Lisboa (DNPM, UFOP), engenheiro de minas e primeiro professor de paleontologia do Curso de Geologia da UFOP, fez parte da diretoria da SBP entre 1970 e 1976.
32. Nicéa Maggesi Trindade (UFRJ, DNPM), naturalista radicada nos Estados Unidos, trabalhou com a malacofauna da Bacia de Itaboraí.
33. Luciano Jacques de Moraes (1896-1968) (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas/DNOCS, DNPM), engenheiro de minas, percorreu grandes áreas do sertão nordestino, em meio ao fenômeno do cangaço, realizando pesquisas geológicas e vários apontamentos arqueológicos. Em seu livro *Serras e Montanhas do Nordeste*, de 1924, registrou pela primeira vez as pegadas de dinossauros de Sousa, Paraíba. Fez parte da primeira diretoria da Sociedade Brasileira de Geologia.
34. Octávio Barbosa (1907-1997) (DNPM, Escola Politécnica de SP, PROSPEC, CPRM), engenheiro de minas, metalurgia e civil, publicou importantes trabalhos sobre a geologia brasileira que fazem parte do acervo do Serviço Geológico do Brasil, no Rio de Janeiro.
35. Osvaldo Rodrigues da Cunha (Museu Paraense Emilio Goeldi), desenvolveu trabalhos sobre malacofauna do Pará, juntamente com Cândido Simões Ferreira, com quem também contribuiu para a reestruturação do Museu Paraense Emílio Goeldi.

36. *Paulo Erichsen de Oliveira (1911-1969) (DNPM), engenheiro civil, foi chefe da Seção de Paleontologia da Divisão de Geologia e Mineralogia, especialista em invertebrados. Foi presidente da SBP entre 1959 e 1960.*
37. *Rubens da Silva Santos (1918-1996) (DNPM, UERJ), paleontólogo de vertebrados, dedicou-se principalmente ao estudo dos peixes fósseis do Brasil, com importantes publicações. Participou da comissão da Academia Brasileira de Ciências para reavaliação e posterior regulamentação do decreto-lei sobre a proteção dos depósitos fossilíferos brasileiros. Participou também da primeira diretoria da SBP, tendo sido seu presidente entre 1965 e 1968.*
38. *Sérgio Mezzalira (DNPM, IG) (1920-2009), especialista em invertebrados, principalmente moluscos e crustáceos fósseis dos Grupos Bauru e Passa Dois, Bacia do Paraná, fez parte da diretoria da SBP entre 1961 e 1962.*
39. *Setembrino Petri (USP), primeiro paleontólogo de foraminíferos do Brasil, com trabalhos desenvolvidos principalmente sobre estratigrafia e micropaleontologia.*
40. *Sônia Bender Kotzian (UFRGS), desenvolveu vários trabalhos sobre ostracodes e radiolários fósseis e recentes.*
41. *Yvonne T. Sanguinetti (UFRGS), especialista em ostracodes fósseis, foi coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Geociências da UFRGS e editora da Revista Pesquisas.*
42. *Wilhelm Kegel (1890-1971) (DNPM, UFRJ), geólogo alemão, emigrou para o Brasil em 1949, desenvolvendo importantes pesquisas sobre a geologia e a tectônica do Nordeste. Foi o primeiro presidente da SBP, entre 1958 e 1959.*



Irajá Damiani Pinto (centro, sentado) em seu aniversário, com colegas e estudantes de laboratório, entre eles, Sônia Bender Kotzian (em pé, à direita), Ayrton Zingano (em pé, à direita) e Ieti Ungaretti (sentada à direita à frente), na década de 1950. (Foto cedida por Irajá D. Pinto)



Oswaldo Rodrigues da Cunha no Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1995. (Foto cedida pelo Museu Goeldi)



Maria Martha Barbosa e Maria Eugênia Marchesini Santos (da direita para esquerda) com colegas em visita a Itaboraí, na década de 1950. (Foto cedida por Ismar de Souza Carvalho)



Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia (ao microfone) na sua posse da diretoria na então Escola Superior de Agricultura de Mossoró, RN, atual Universidade Federal Rural do Semi-Árido, em 1974. (www2.ufersa.edu.br)



Setembrino Petri (centro), em reunião com os demais professores do Departamento de Geociências, Universidade de São Paulo, na década de 1970. (Foto cedida pela USP)

CONGRESSOS, SIMPÓSIOS E REUNIÕES NACIONAIS OCORRIDOS DESDE A FUNDAÇÃO DA SBP

I Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 16 a 18 de fevereiro de 1959

Local: Salão nobre do DNPM, Rio de Janeiro, RJ

II Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 16 a 25 de julho de 1961

Local: Salão nobre do Clube Ipiranga, Mossoró, RN

Reunião Anual da SBP (em substituição ao congresso)

Data: 13 e 14 de novembro de 1963

Local: DNPM, Rio de Janeiro, RJ

III Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 09 a 11 de setembro de 1965

Local: Escola Nacional de Geologia, Rio de Janeiro, RJ

IV Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 15 e 16 de julho de 1968

Local: Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ

I Simpósio Brasileiro de Paleontologia

Data: 20 a 25 de setembro de 1970

Local: Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, RJ

II Simpósio Brasileiro de Paleontologia (durante o XXIX Congresso Brasileiro de Geologia)

Data: 02 de novembro de 1976

Local: UFMG, Belo Horizonte, MG

Assembléia Geral (durante o XXX Congresso Brasileiro de Geologia)

Data: 3 de novembro de 1978

Local: UFPE, Recife, PE

Assembléia Geral (durante o XXXI Congresso Brasileiro de Geologia)

Data: 23 de outubro de 1980

Local: Balneário Camboriú, SC

II Congresso Latino-Americano de Paleontologia

Data: 26 a 30 de abril de 1981

Local: UFRGS, Porto Alegre, Brasil

VIII Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 03 a 08 de julho de 1983

Local: Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, RJ

IX Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 1 a 7 de setembro de 1985

Local: Centro Cultural Afonso Albuquerque Lima, Fortaleza, CE

X Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 19 a 25 de julho de 1987

Local: Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, RJ

XI Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 01 a 07 de setembro de 1989

Local: Edifício Castelo Branco, Curitiba, PR

XII Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 08 a 15 de dezembro de 1991

Local: Instituto de Geociências, USP, São Paulo, SP

XIII Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 19 a 26 de setembro de 1993

Local: UNISINOS, São Leopoldo, RS

XIV Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 23 a 29 de julho de 1995

Local: Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG

XV Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 01 a 03 de agosto de 1997

Local: Hotel Fazenda Fonte Colina Verde, São Pedro, SP

XVI Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 01 a 07 de agosto de 1999

Local: URCA, Crato, CE

XVII Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 05 a 09 de agosto de 2001

Local: UFAC, Rio Branco, AC

XVIII Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 13 a 18 de julho de 2003

Local: UnB, Brasília, DF

XIX Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 14 a 19 de agosto de 2005

Local: Hotel Parque dos Coqueiros, Aracajú, SE

XX Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 21 a 27 de outubro de 2007

Local: Hotel Atlântico Búzios, Armação dos Búzios, RJ

XXI Congresso Brasileiro de Paleontologia

Data: 13 a 18 de setembro de 2009

Local: Hangar Centro de Convenções, Belém, PA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA

DIRETORIAS DESDE A SUA FUNDAÇÃO

1ª diretoria (20 de março de 1958)

Presidente: Wilhelm Kegel

Vice-presidente: Carlos de Paula Couto

Secretário: José Raymundo de Andrade Ramos

Tesoureiro: Rubens da Silva Santos

2ª diretoria (20 de fevereiro de 1959)

Presidente: Paulo Erichsen de Oliveira

Vice-presidente: Irajá Damiani Pinto

Secretário: Andrade Ramos

Tesoureiro: Cândido Simões Ferreira

3ª diretoria (1960/61)

Presidente: Elias Dolianiti

Vice-presidente: Frederico Lange

Secretário: Lélia Duarte

Tesoureiro: Cândido Simões Ferreira

4ª diretoria (1961/62)

Presidente: Llewellyn I. Price

Vice-presidente: Sergio Mezzalira

Secretário: Lélia Duarte

Tesoureiro: Cândido Simões Ferreira

5ª diretoria (1964/65)

Presidente: Carlos de Paula Couto
Vice-presidente: Josué Camargo Mendes
Secretário: José Henrique Milani
Tesoureiro: Cândido Simões Ferreira

6ª diretoria (1966/68)

Presidente: Rubens da Silva Santos
Vice-presidente: Vingt-un Rosado
Secretária: Lélia Duarte
Tesoureiro: Maria Eugênia Marchesini Santos

7ª diretoria (1968/70)

Presidente: Cândido Simões Ferreira
Vice-presidente: Ivan de Medeiros Tinoco
Secretário: Norma Maria da Costa von Böckel
Tesoureiro: Ignácio Aureliano Machado Brito

8ª diretoria (1970/72)

Presidente: Cândido Simões Ferreira
Vice-presidente: Moacyr Lisboa
Secretário: Diógenes de Almeida Campos
Tesoureiro: Maria Antonieta da Conceição Rodrigues

9ª diretoria: (1976/78)

Presidente: Cândido Simões Ferreira
Vice-presidente: José Lins Rolim
Secretário: Diógenes de Almeida Campos
Tesoureiro: Antonio Carlos Sequeira Fernandes

10ª diretoria (1978/80)

Presidente: Diógenes de Almeida Campos

Vice-presidente: Margot Guerra Sommer
Secretário: Marise Sardenberg Salgado de Carvalho
Tesoureiro: Antonio Carlos Sequeira Fernandes

11ª diretoria (1983/84)

Presidente: Diógenes de Almeida Campos
Vice-presidente: Gerhard Beurlen
Secretário: Joel Alves Moura
Tesoureiro: Maria da Glória Pires de Carvalho

12ª diretoria (1985/87)

Presidente: Joel Alves de Moura
Vice-presidente: Marise Sardenberg Salgado de Carvalho
Secretário: José Henrique Gonçalves de Melo
Tesoureiro: Heloísa Maria Neiva Gilson

13ª diretoria: (87/89)

Presidente: Luiz Padilha Quadros
Vice-presidente: Murilo Rodolfo de Lima
Secretário: (1º) Elizabete Pedrão, (2º) Antonio Carlos Sequeira Fernandes
Tesoureiro: (1º) Ilma Maria Rodrigues Barrilari, (2º) Ciro Jorge Appi
Diretor de publicações: Norma Maria da Costa Cruz

14ª diretoria (1989/91)

Presidente: Antonio Carlos Rocha Campos
Vice-Presidente: Dina Araújo Barberena
Secretário: (1º) Marcello Guimarães Simões, (2º) Valesca Brasil Lemos
Tesoureiro: (1º) Sandra de Almeida, (2º) Ismar de Souza Carvalho
Diretor de publicações: Fernando Fittipaldi

15ª diretoria (1992/93)

Presidente: Diógenes de Almeida Campos

Vice-presidente: Thomas Rich Fairchild

Secretário: (1º) Gerhard Beurlen, (2º) Carla Bender Kotzian

Tesoureiro: (1º) Maria da Glória Pires de Carvalho, (2º) Rita de Cássia Tardin Cassab

Diretor de publicação: Sérgio Alex Kugland Azevedo

16ª diretoria (1994/95)

Presidente: Norma Maria da Costa Cruz

Vice-presidente: Mário Costa Barberena

Secretário: (1º) Leonardo Borghi, (2º) Reinaldo José Bertini

Tesoureiro: (1º) Mitsuru Arai, (2º) Tânia Dutra

Diretor de publicações: Maria Eugênia Marchesini Santos

17ª diretoria (1995/97)

Presidente: Antonio Carlos Siqueira Fernandes

Vice-presidente: Maria Judite Garcia

Secretário: (1º) Vera Maria Medina da Fonseca, (2º) Rodolfo Dino

Tesoureiro: (1º) Mitsuru Arai, (2º) Tânia Dutra

Diretor de publicações: Aristóteles Moraes Rios Neto

18ª diretoria (1997/99)

Presidente: Ismar de Souza Carvalho

Vice-presidente: Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Secretário: (1º) Vera Maria Medina da Fonseca, (2º) Rita de Cássia Tardin Cassab

Tesoureiro: (1º) Mitsuru Arai, (2º) Marise Sandenberg Salgado de Carvalho

Diretor de publicações: Marco Aurélio Vicalvi

19ª diretoria (1999/01)

Presidente: Ismar de Souza Carvalho

Vice-presidente: Antonio Carlos Sequeira Fernandes

Secretário: (1º) Deusana Maria da Costa Machado, (2º) Rita de Cássia Tardin Cassab

Tesoureiro: (1º) Mitsuru Arai, (2º) Marise Sandenberg Salgado de Carvalho
Diretor de publicações: Marco Aurélio Vicalvi

20ª (2001/03)

Presidente: Renata Guimarães Netto
Vice-presidente: Maria Claudia Malabarba
Secretário: (1º) João Carlos Coimbra, (2º) Marleni Marques-Toigo
Tesoureiro: (1º) Suzane Hilgert-Moreira, (2º) Ana Maria Ribeiro
Diretor de publicações: Fernando Abdala

21ª (2003/05)

Presidente: Renata Guimarães Netto
Vice-presidente: Maria Claudia Malabarba
Secretário: (1º) João Carlos Coimbra, (2º) Cristianini Trescastro Bergue
Tesoureiro: (1º) Ana Maria Ribeiro, (2º) Carla Bender Kotzian
Diretor de publicações: Gerson Fauth

22ª (2005/07)

Presidente: João Carlos Coimbra
Vice-presidente: Marcello Guimarães Simões
Secretário: (1º) Gerson Fauth, (2º) Juliana de Moraes Leme
Tesoureiro: (1º) Ana Maria Ribeiro, (2º) Sabrina Coelho Rodrigues
Diretor de publicações: Carla Bender Kotzian

23ª (2007/09)

Presidente: João Carlos Coimbra
Vice-presidente: Ana Maria Ribeiro
Secretário: (1º) Marina Bento Soares, (2º) Soraia Girardi Bauermann
Tesoureiro: (1º) Patrícia Hadler Rodrigues, (2º) Karin Elise Bohns Meyer
Diretor de publicações: Carla Bender Kotzian

